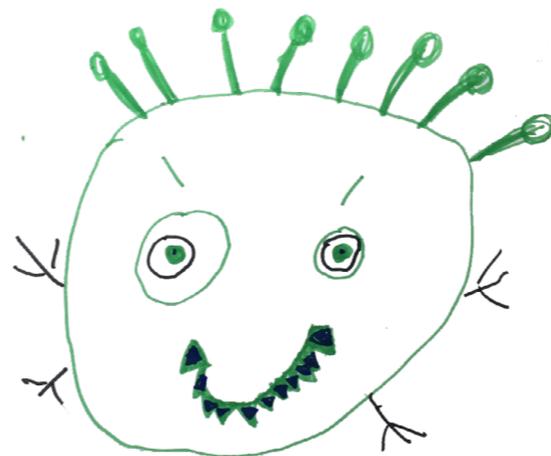


“ HISTÓRIAS DE UM BICHO MAU ”

TRAÇOS E VOZES DAS CRIANÇAS SOBRE A COVID-19

Paula Pequito, Ana Pinheiro, Brigitte Silva, Daniela Gonçalves, Irene Cortesão, Ivone Neves



TÍTULO

“Histórias de um bicho mau” - Traços e vozes das crianças sobre a Covid-19

ORGANIZAÇÃO

Paula Pequito

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
CIPAF – Centro de Investigação Paula Frassinetti
OFEI - Observatório para o Futuro da Educação de Infância

Ana Pinheiro

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
CIPAF – Centro de Investigação Paula Frassinetti
INED – Centro de Investigação e Inovação em Educação ESE-IPP
CEDH – Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano
OFEI - Observatório para o Futuro da Educação de Infância

Brigite Silva

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
CIPAF – Centro de Investigação Paula Frassinetti
CeIED - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
OFEI - Observatório para o Futuro da Educação de Infância

Daniela Gonçalves

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
CIPAF – Centro de Investigação Paula Frassinetti
CEDH – Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano
da Universidade Católica Portuguesa

Irene Cortesão

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
CIPAF – Centro de Investigação Paula Frassinetti
CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas da FPCEUP
OFEI - Observatório para o Futuro da Educação de Infância

Ivone Neves

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
CIPAF – Centro de Investigação Paula Frassinetti
CeIED - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
OFEI - Observatório para o Futuro da Educação de Infância

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

Daniela Costa

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

EDITOR

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti | Uma iniciativa do **OFEI**

LOCAL DE EDIÇÃO

Porto

DATA

2020

ISBN

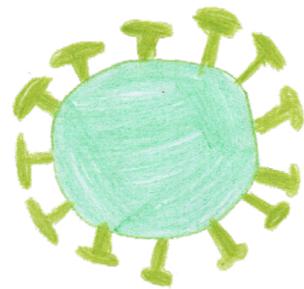
978-989-54506-5-7

“ HISTÓRIAS DE UM BICHO MAU ”

TRAÇOS E VOZES DAS CRIANÇAS SOBRE A COVID-19

Os conteúdos organizados neste livro são da responsabilidade dos autores.

Os desenhos presentes nesta publicação provêm de digitalizações feitas em ambiente familiar e em período de confinamento.



NOTA DE ABERTURA

Procurar criar condições para educar na vida e para a vida... Este é mote!

Partindo do pressuposto de que é necessário que as práticas educativas se constituam como um reflexo do dinamismo social e cultural da comunidade, e se assumam como uma manifestação da vida em toda a sua complexidade, toda a sua rede de relações e dispositivos com a comunidade apresenta-se como um modo institucional de conhecer e, portanto, de “ensinar” o mundo e todas as suas manifestações. Já John Dewey, final do século XIX, chamava a atenção para a necessidade absoluta de reconhecer a Escola como uma forma de vida comunitária e não como um lugar onde certas informações devem ser dadas, onde algumas lições devem ser aprendidas ou onde certos hábitos devem ser formados. Por outras palavras, o pedagogo defendeu a Escola não como uma mera preparação para a vida, mas sim como a própria vida. Propomos, assim, pensar a educação e a escola como parte da experiência de vida das crianças, entrelaçando-se com as experiências da comunidade, da família pois, somente desta forma, se poderão tornar espaços e tempos verdadeiramente educativos. Trata-se, também de equacionar o papel fundamental dos educadores e privilegiar a complexidade de ser cidadão e as diferentes sensibilidades em que se materializa: democrática, social, solidária, justa, humana.

Esta tarefa de educar tornou-se, assim, mais difícil e complexa, ao ser confrontada com a excecionalidade dos tempos em que se vive face à sombra da COVID 19. Tempos que nos impõem posturas criativas e nunca dantes experimentadas para tentar dar resposta ao ofício de professor/educador. Tempos em que as fronteiras entre os papéis e os espaços sociais das crianças, dos pais e dos professores se tornam fluídos e ainda mais complexos, se misturam levantando, por isso mesmo, novos e grandes desafios.

Hodiernamente, este novo contexto educativo apresenta-se exigente e desafiador face a um modelo de educação que exige ser reinventado. Urge (saber) escutar as crianças e perceber o modo como se estão a apropriar de todos estes acontecimentos que terão consequências no nosso desenvolvimento, no nosso modo de agir, interagir, sentir, fruir, ... inevitavelmente essa experiência deixará marcas no nosso Ser e, seguramente, irá abrir novas possibilidades e descobertas para práticas educativas mais acertadas e contextualizadas com os tempos que daí advirão.

Mas o que significa escutar a voz das crianças? Escutar as crianças implica uma capacidade genuína e ativa de escutar, não só as palavras, mas também a forma como as crianças se expressam. Significa apelar e valorizar outras formas de linguagem que não só a oral e a escrita, mas que fazem parte do universo da comunicação

infantil. Claro que um exercício desta natureza implica também a sensibilidade e a capacidade de escuta interior de quem educa de forma comprometida e atenta aos sons e aos sinais que se anunciam à sua volta.

A Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti vem ao longo dos quase sessenta anos de história exercendo um percurso socioeducativo comprometido ao dedicar-se à formação de profissionais da Educação. Todas as questões respeitantes às práticas e abordagens pedagógicas geram-lhe interesse, mas sobretudo pretende atuar de forma dinâmica e responsável para o processo de desenvolvimento educacional ao pensar na infância enquanto lugar de emergência e crescimento da criança como ser em expansão e futuro. Como instituição de formação de Professores e Educadores que promovem uma educação humana, democrática e comprometida com a mudança social, não poderia deixar de estar atenta e procurar contribuir para o debate e reflexão para e sobre o momento excecional que atravessamos. Com Paulo Freire, defendemos que “formar” é muito mais que promover no ser humano a aquisição de competências e saberes. Formar é também estar atento para a necessidade da formação ética dos educadores, conscientizando-os sobre a importância de os estimular a uma reflexão crítica sobre a realidade em que estão inseridos. Significa também reconhecer a necessidade de criar as condições para a construção do conhecimento pelas crianças, como parte de um processo em que professor e aluno não se reduzam à condição de objeto um do outro, uma vez que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Ao considerar de fundamental importância as discussões que permeiam a criança e todas as suas mais variadas dimensões de ser, a Escola Superior de Educação Paula Frassinetti decidiu publicar “Histórias de Um Bicho Mau - Traços e vozes das crianças sobre a Covid-19”.

Pretende-se que este Ebook seja um espaço real de escuta e de subida ao palco das vozes das crianças. Um espaço que permita uma conceção de “voz” mais ampla, onde o “não ter voz” não corresponde a uma noção linear de incapacidade das crianças para se representarem, mas uma tentativa de que as crianças sejam reconhecidas como agentes competentes para expressarem as suas opiniões, que agem relacionalmente, através de um envolvimento com o outro e em solidariedade com os adultos.

Esta publicação pretende, assim, ser um espaço em que sobem ao palco as perceções, as famílias e os amigos ausentes, as saudades, os medos, as esperanças e as perspetivas de futuro de crianças entre os 3 e os 10 anos. A forma como surgem neste livro pode ser através da escrita de adultos que as souberam ouvir e que transcrevem os seus discursos e/ou através dos traços e das cores que as crianças escolhem para comunicar.

Um sincero agradecimento a todos/as que aceitaram o nosso repto e tomaram possível esta publicação. A todos/as um bem-haja!

Paula Pequito, Ana Pinheiro, Brigitte Silva, Daniela Gonçalves, Irene Cortesão e Ivone Neves

ACERCA DAS “HISTÓRIAS DE UM BICHO MAU”:



O Bicho Mau, quando atribuído às reflexões de quem devia governar o mundo: as crianças. Proibida a leitura deste livro a quem não andar espantado de existir. Obrigatória a leitura deste livro a quem acredita, como o poeta, que o melhor do mundo...são mesmo as crianças.

– Anabela Guedes
Professora / mãe do Manel e para quem as crianças deviam governar o mundo.
(ESTGL- Instituto Politécnico de Viseu)



Ao iniciar a leitura das “Histórias de um Bicho Mau”, sem nenhuma expectativa prévia, deparei-me logo de início com imagens que falam. Pois foi bem assim: Falam sem dizer e dialogam com o interlocutor por meio da sensibilidade explícita que expressam. Ao avançar a leitura, fui interpelada por traços firmes, mensagens subliminares e próprias de cada autor, poemas autorais de crianças com menos de 10 anos, que têm muito a dizer e sabem como o fazer; formas diversas de comunicação que me afetaram sobremaneira, permitindo a experiência de momentos de encontro com o meu eu-mãe, eu-educadora, eu-humana. Agradeço os momentos de prazer e autoconhecimento proporcionados pela experiência com a leitura deste livro.

– Daniella Assemany
mãe de uma miúda portuguesa de 5 anos, educadora, matemática, doutora em Ensino de Ciências
(FC-Universidade do Porto)



O bicho mau que entrou nas nossas vidas teve um impacto distinto e significativo nas vidas das crianças. Ninguém sabe ainda bem o que vai acontecer, e por isso é ainda mais importante ouvi-las e construir diferentes espaços para que as suas vozes sejam não apenas escutadas mas, sobretudo, entendidas. Os desenhos e explicações das crianças deste livro são um exemplo muito feliz dessas vozes, faladas e desenhadas. E são também um exemplo de como o real vivido pelas crianças é frequentemente cruzado com um mundo mais esperançoso e fantasioso: a capa vermelha que atira um raio para o coronavírus e que o destrói, para que o sol volte a aparecer, é disso um excelente exemplo. Que este livro possa ajudar o bicho a ir embora!

– Gabriela Trevisan
(Prochild Colab - Against Child Poverty and Social Exclusion)

“ Quem interpreta o desenho de uma criança, feito num momento difícil, ganha um tesouro, porque os seus traços guardam os segredos da vida.
Cada desenho de uma criança é uma viagem e cada viagem deve ser entendida no contexto em que foi feita.
Cada traço e cor do desenho de uma criança é um mistério, quem desvenda, ganha um tesouro.
Cada traço num desenho de uma criança, revela a difícil tarefa de reinventar se em momentos de angustia.
As etapas de vida de uma criança encontram-se nos traços e nas cores do seu desenho feito em momentos difíceis.
Quando uma criança desenha, ela guarda nos traços e nas cores, o sentido das várias etapas da sua vida.
A inspiração que resulta da apreciação do desenho de uma criança, permite vencer qualquer desafio.
Desenhar me faz esquecer tudo, me faz acreditar que este é apenas um momento para aprender, o que pode ser bom para mim e para os que vivem e convivem comigo.
Aprendi que um mal pode destruir tudo o que fazemos, mas também aprendi que nenhum mal pode tirar de mim a capacidade de pensar, imaginar e me expressar pelo traço e cor.

– Diovargílio Chauque
(FCEP – Universidade Pedagógica)

“ Pelo livro é que vamos... por este livro é que chegamos.
Um vasto universo de representações que, por ditos e rabiscos das crianças-autoras desta narrativa acerca da Covid-19, nos surpreende, fascina e desafia. O futuro da educação na infância a relevar, na doce autenticidade da sua voz, mediada e generosa, a inscrição emocional na contemporaneidade, uma quase consciência dos perigos e dos riscos que nela se desenham, das elaboradas estratégias de luta, da dimensão planetária e coletiva da existência ou mesmo da capacidade mágica de transformar e perdoar o próprio bicho mau!

Pela leitura e pela escuta, é que nos invadem a gratidão e a ternura tecidas entre o colo dos pais e a saudade dos amigos e dos avós.

– Idália Sá-Chaves
(Universidade de Aveiro)

“ Desenhos de crianças fazem parte de uma cultura inserida numa cultura maior e revelam como elas percebem o mundo, olhando-o de um lugar em particular, de uma maneira em particular. Por meio dos desenhos e falas presentes neste livro, as crianças se mostram sensíveis à gravidade do momento e exibem também a potência da sua imaginação no enfrentamento da grave ameaça que representa a pandemia. Assim, o enorme coronavírus, do lado de fora de uma edificação sólida e bem construída, é, ele mesmo, ameaçado por raios exterminadores. Enquanto isso, as crianças, junto aos animais que tanto gostam, aguardam melhores momentos no abrigo do lar... Nunca a imaginação foi tão necessária!

– Paulo Nin Ferreira
(Universidade Federal de Alagoas)

“ Diante da incerteza, do inusitado e do medonho e quando experimentamos o medo, o melhor modo de o enfrentarmos é pelo diálogo, é mesmo conversando uns com os outros. Este é um poderoso instrumento e nem sempre o valorizamos como seria de esperar entre seres humanos, afinal todos amedrontados e afinal todos no mesmo barco.
As crianças vivem estes tempos também com incertezas, dúvidas, medos. O pior que poderia acontecer a esta geração de adultos e educadores seria deixar que esta geração de crianças vivesse estes momentos tão conturbados sem dar primazia ao diálogo, à escuta, à conversa franca, singela, desarmada, humana, vivificadora.
Fica claro, mais uma vez, com este tão belo documento, que ouvir a voz das crianças constitui um imperativo ético, cultural e político. O pior que poderia acontecer era fazermos todos de conta e procurarmos ver, cada um para seu lado, se tudo passa e depressa. Mas não, não passa e não vai ser depressa e podem ser muito sérias as consequências negativas do não enfrentamento dos problemas que a presente situação pandémica gera nas crianças.
Umas exprimem o medo, a monstruosidade assustadora do vírus, outras clarificam perante a comunidade a sua vontade e determinação de lutar com todas as suas forças, umas têm sobretudo saudades dos amigos e da escola, outras descobrem e valorizam profissões como os médicos e os enfermeiros, umas apresentam-nos um vírus-sol que nos queima, outras ordenam-lhe com toda a autoridade: vai-te embora e pára de atacar as pessoas!
Esta grande diversidade e riqueza de expressões e vivências, que jorra do que mais nos ocupa e perturba do quotidiano atual, postas em diálogo entre si e com os educadores, constitui talvez o melhor modo de enfrentarmos em comunidade e solidariamente a situação excepcional e preocupante que nos está a ser dado viver. E, neste diálogo, as crianças têm coisas muito importantes para nos dizer. Ora vejam.

– Joaquim Azevedo
(FEP – Universidade Católica Portuguesa)

“ 70 crianças, meninos e meninas com idades entre os 3 e os 10 anos, dão-nos a conhecer facetas de si e das suas vidas em plena crise pandémica: do que as impressionou acerca do vírus, da imagética ao comportamento e suas consequências mortíferas; da súbita reviravolta nos seus quotidianos e de todo um turbilhão de emoções inusitadas, das saudades dos amigos e da escola, dos avós e dos prazeres da vida ao ar livre; dos dias em casa sentidos como acalento mas também como aborrecimento interminável; da vontade de viver expressa em desejos prosaicos mas urgentes; e de modos próprios de lidarem com tudo isso, em que a antropomorfização do vírus, a fantasia do real e o pensamento mágico se afiguram recursos importantes para enfrentar receios, confusões, incertezas, desconhecimentos... Este livro, abrindo-se para o mundo por via de traços e vozes infantis, dá-nos assim uma oportunidade única para, enquanto adultos, espreitarmos para um mundo interior das crianças, denso e sentido, geralmente inacessível. Possamos, com isso, aprender a reconhecer o valor e a seriedade das suas vozes e traços, e a levá-los em consideração!

– Manuela Ferreira
(FPCE – Universidade do Porto)

“ O coronavírus foi o mote para aprender com as crianças o lado emocional e belo da vida. Ver os desenhos e os comentários das crianças dos 3 aos 10 anos é continuar a acreditar que as crianças aprendem com a vida, pela vida e através da vida que se vive no quotidiano. As crianças já têm o “saber”, os Educadores criam o ambiente para elas o poder expressar. Aprender com as crianças a olhar a realidade é aprender a viver na simplicidade, no amor e a valorizar o que é realmente importante: sentir saudades: dos amigos, da escola, das relações familiares (os avós), o lado simples da vida (comer um gelado, ir ver o mar, passear com o pai, etc.).

– Maria da Conceição Oliveira
(Congregação das Irmãs Doroteias)

“ No período de confinamento, se por um lado escutar as crianças em casa e partilhar a sua opinião na escola é dar valor à família na formação das crianças, por outro lado facilitar a construção do eu no mundo torna a escola num espaço de emoções e de inspiração. A leitura deste livro é uma oportunidade para compreender as crianças neste quadro de emergência.

– Paula Quadros-Flores
(ESE – Instituto Politécnico do Porto)

“ O vírus é mau e ruim mas também tem coisas boas (alguém dizia que temos sempre de olhar para o lado positivo da vida): sem ele não existiria um livro tão bonito, tocante e especial.

– João Paulo Delgado
(ESE – Instituto Politécnico do Porto)

“ Obra oportuna e verdadeira, como verdadeiras são as crianças, no seu paradoxal espelho para todos nós: da precariedade do ‘que isto passe depressa’ ao ‘sabor de estar em casa’... Acima de tudo, um hino a viver o momento presente e a esperança, sempre ela a co-mover, mesmo com ‘bichos maus’... Parabéns

– João Paiva
(FC-Universidade do Porto)

“ As crianças têm uma criatividade que, por vezes, nos espanta. Como são mais livres que a maior parte dos adultos, dizem coisas que os adultos pensam, mas que não se atrevem a dizer. Sobre o novo coronavírus, o “bicho mau,” as crianças autoras deste livro contam como ele dificultou as suas vidas e a pressa que têm de se verem livres dele. Em palavras e desenhos exprimem o seu desejo de voltar a um tempo de maior proximidade e afecto. Estas crianças falam por elas e por nós.

– Carlos Fiolhais
Professor de Física
(FCT-Universidade de Coimbra)

“ Histórias de un bicho mau” es una obra novedosa e innovadora que pretende ofrecer al público la visión de los más pequeños sobre el COVID-19 y la crisis sanitaria en la que nos encontramos inmersos. Desde una perspectiva educativa y a través del conocimiento y la experiencia de profesionales del mundo de la educación, este libro nos hace llegar las vivencias de la infancia sobre el momento actual: cómo entienden esta realidad, cómo la viven en su día a día, tanto ellos como sus familias, sus preocupaciones y, sobre todo, sus anhelos y deseos. Es un material muy innovador que permite conocer de primera mano la perspectiva de la infancia, un grupo a menudo olvidado en situaciones problemáticas y que ha desempeñado un papel importante, a la vez que difícil, en esta situación tan convulsa y desconocida a la par. La obra debe servir de reflexión tanto a padres como educadores, ya que permite conocer y profundizar en las características de este grupo, abriendo un amplio abanico de posibilidades para la educación del colectivo, tanto desde una perspectiva formal como fuera de las instituciones educativas.

Mi más sincera enhorabuena, tanto por la idea como por el resultado, que es muy enriquecedor y altamente recomendable.

– M^a Ángeles Peña Hita
(Universidad de Jaén)

“ Histórias de um bicho mau” é provavelmente unha das mellores publicacións xurdidas sobre a COVID-19. Un libro escrito e ilustrado por crianzas, que nos permite coñecer os seus medos e visións sobre o coronavirus, mais tamén as súas forzas e desexos para combatalo. Sen dúbida un libro imprescindible para traballar as emocións que senten as nenas e os nenos, e para explorar os posibles efectos da pandemia na infancia. O meu agradecemento e parabéns ao equipo da Escola Superior de Educación de Paula Frassinetti pola iniciativa e porque a edición do libro é preciosa.

– Silvia López-Gomez
(Universidade de Santiago de Compostela)

“ Ler é sempre bom, producir criatividade para refletir também. De fato, a brincadeira de ser escritor e ilustrador proporciona diversos benefícios para entender ou amadurecer os sentimentos diante o atual momento que sufoca a humanidade. É nesse impulso criativo tão natural na infância que conforto o meu leitor, porque não há forma melhor de lidar com essas “Histórias de um bicho mau”. Afinal, no olhar da criança estão as melhores respostas para o futuro e que o mundo seja testemunha dele.

– André Neves
Ilustrador e escritor

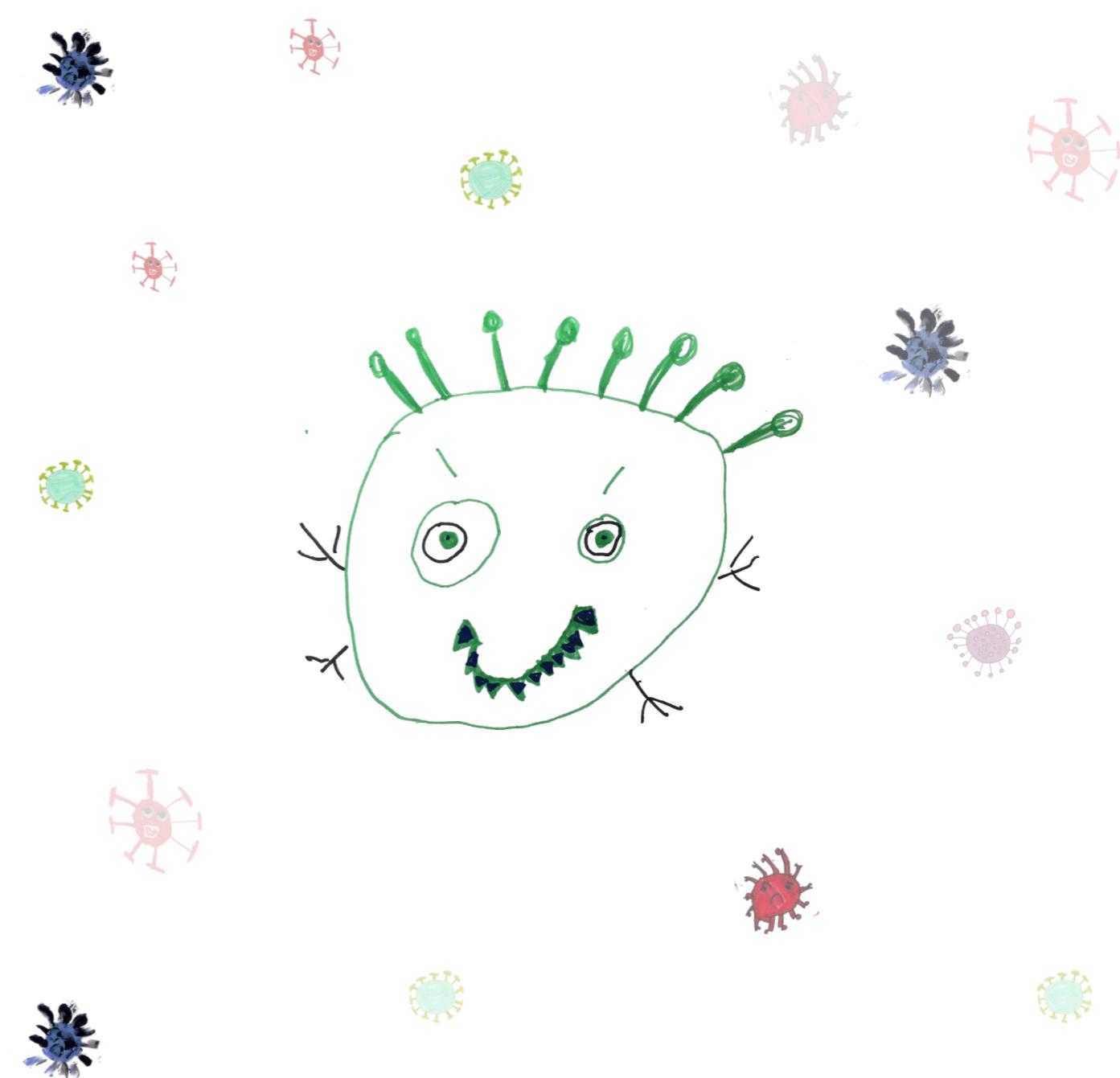
“ É impossível negar o regozijo e o entusiasmo que sentimos por nos terem concedido o privilégio de podermos dizer algumas palavras sobre este magnífico livro... Apraz-nos a atualidade do tema e os princípios que inequivocamente norteiam este projeto, mais especificamente o de dar a conhecer o que as crianças sentem de uma forma responsável e ética. Trata-se de um livro construído com base numa dura realidade, vivida na atualidade, e que coloca à prova a capacidade de resiliência dos seres humanos ao aprisionamento. Os condicionalismos impostos pelos espetros de terror que assombram as crianças e os adultos são retratados, neste livro, de uma forma inocente e comovente.

Histórias de um bicho mau dá voz à consciência das crianças sobre o que é viver num período conturbado em que a palavra liberdade se dissipa, dando lugar à saudade e ao desejo de que tudo volte a ser como era dantes. O ponto de vista das crianças sobre problemas atuais do mundo, e que lhes dizem respeito, é-nos dado a conhecer através de palavras promissoras e desenhos delicados com traços carregados de significado, tendo em conta o seu olhar atento e expectante relativamente ao mundo. Relatam vivências de um mundo real, devastado por um bicho mau, usurpador de sonhos e vontades e, ao mesmo tempo, partilham mensagens de esperança e de amor pela vida. Os seus testemunhos expressam a vontade de voltarem a distribuir afetos e receberem sorrisos reconfortantes.

Sem dúvida que estamos perante uma obra pertinente, uma vez que a criança teve a oportunidade de expressar o seu pensar sobre o mundo que conhece, a formar opiniões e a atribuir-lhes significado(s) e importância.

Para terminarmos gostaríamos de congratular as organizadoras deste projeto, por terem colocado as crianças no centro de todo o processo. Consideramos, pois, que assumir as crianças como seres possuidores de competência para formular interpretações sobre o mundo onde se inserem, dando-lhe voz, é um ato responsável e promotor de desenvolvimento intelectual, crítico, cívico, criativo e emocional.

– Ana Pereira e Elza Mesquita
Autoras e ilustradoras de obras de literatura para a infância
(CIEB - Instituto Politécnico de Bragança)



“

Aqui temos as coisas que eu tenho mais saudades: a escola, a casa da avó e da tia e a piscina.

Fiz um arco-íris para proteger tudo isto, que são as minhas coisas preferidas. Desenhei também um médico com uma máscara e disse-lhe obrigada por cuidar dos doentes com vírus.

Escolhi muitas cores porque assim pode ser que o coronavírus vá embora.



SOFIA COSTA 5 ANOS

“

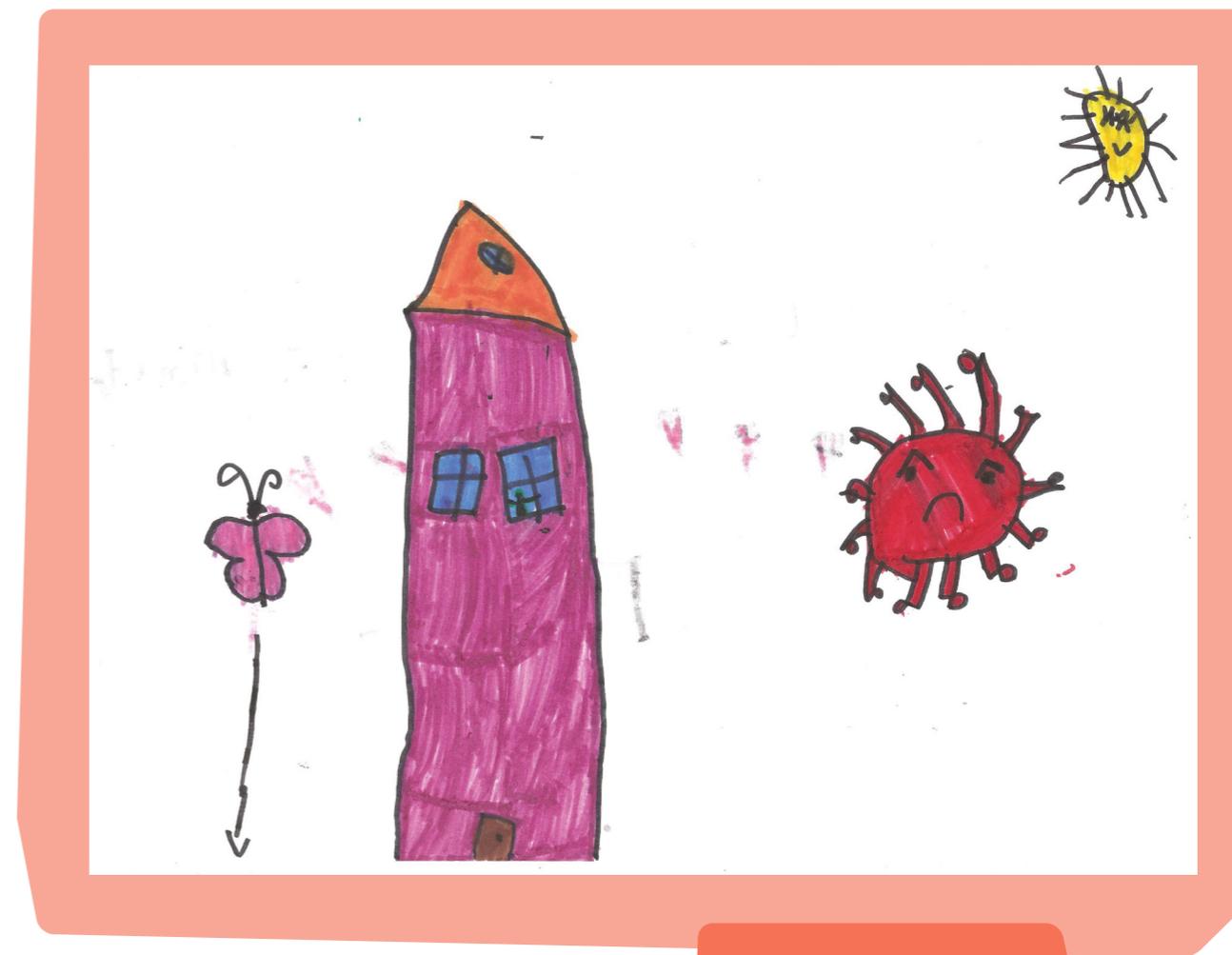
**Se encontrasses o coronavírus...
Ralhava muito com ele, mamã.. mas no final,
dava-lhe um beijinho, para ele aprender a ser bom.**



DUARTE BRANDÃO VIEIRA 4 ANOS

“

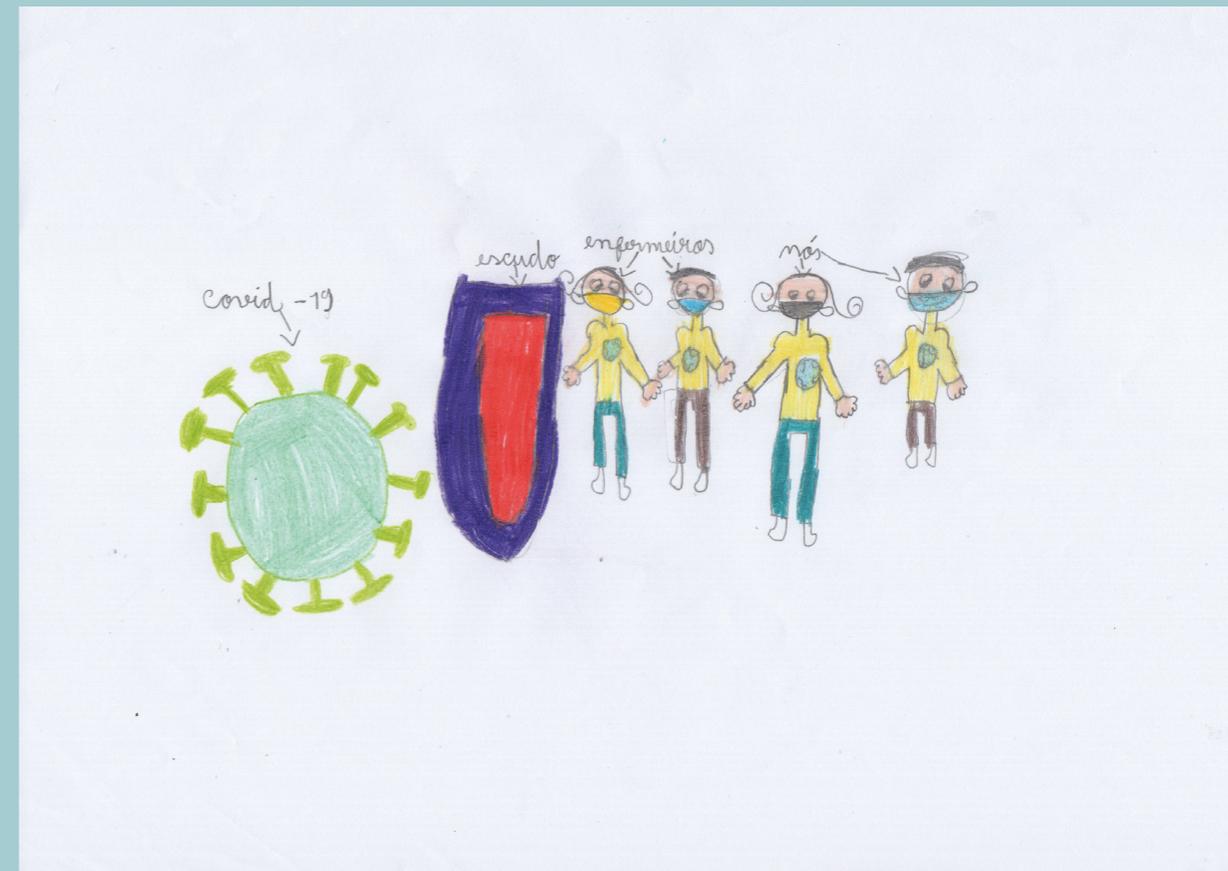
Eu quero que este coronavírus vá embora porque ele está a ocupar o mundo todo...eu não quero isso, quero voltar para a minha escola!



SOFIA 6 ANOS



Fiz este desenho porque sei que os médicos e enfermeiros estão a proteger-nos com um escudo invisível...



SARA RAQUEL COSTA 7 ANOS

66

Depois de tudo isto acabar quero ir ao jardim zoológico.



JOAQUIM PRATAS 5 ANOS

“

É um bicho muito mau e por causa deste bicho não posso ver os meus avós, amigos, madrinha...



PEDRO AFONSO FERREIRA 6 ANOS



Metia os coronavírus dentro de um avião e mandava-os para outro planeta.



LUANA DE SOUSA ALECRIM 9 ANOS

“

Quero ir brincar com todos os meus amigos e com as educadoras.



MARIANA BELTRÃO 5 ANOS

“

Temos de ficar em casa por causa do vírus, do Corona.



GONÇALO RIBEIRO MOREIRA 3 ANOS

66

O Coronavírus é mau porque não deixa ninguém sair. Dizia-lhe que, tens de acabar com isto porque nós queremos brincar com os amigos.



RODRIGO ANTÔNIO PEREIRA 6 ANOS

“

**Depois de tudo isto acabar...
Quero que a Maria Pilar e a Mafalda
venham aqui a casa. Desenhei-as a brincar
comigo e fiz um coração no meio das
nuvens. O coração simboliza que somos
muito amiguinhas. Nós estamos as três de
mão dada porque estamos muito felizes
por estarmos juntas na minha casa.**



MARIA LUÍS DE ARAÚJO 5 ANOS

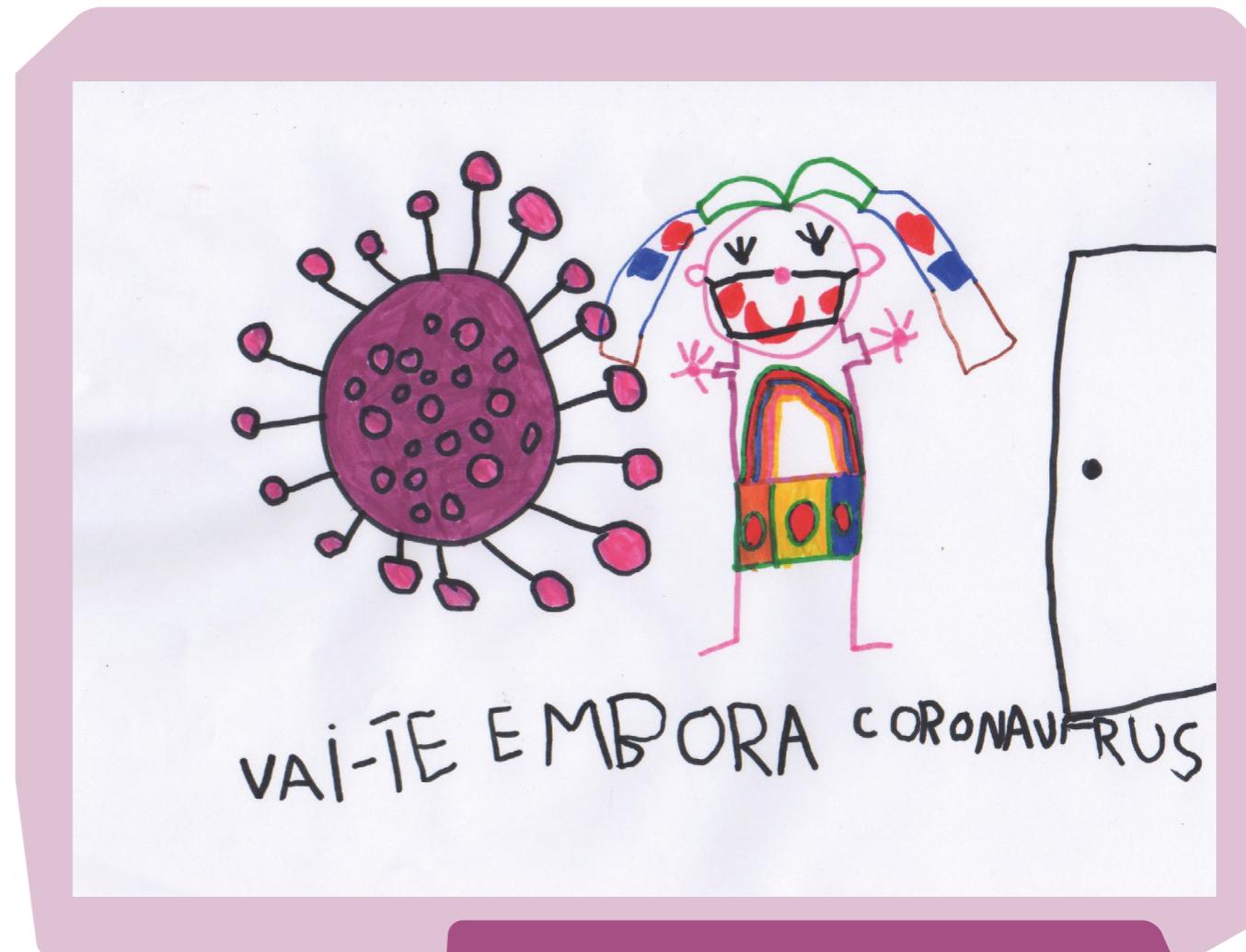
“ Tenho saudades da escola e dos meus amigos.



SANTIAGO DA SILVA MARTINS 5 ANOS



Gostava de dizer ao coronavírus para ele ir embora, para eu poder sair de casa e ir à escola.



CATARINA RIBAS MORGADO 5 ANOS

66

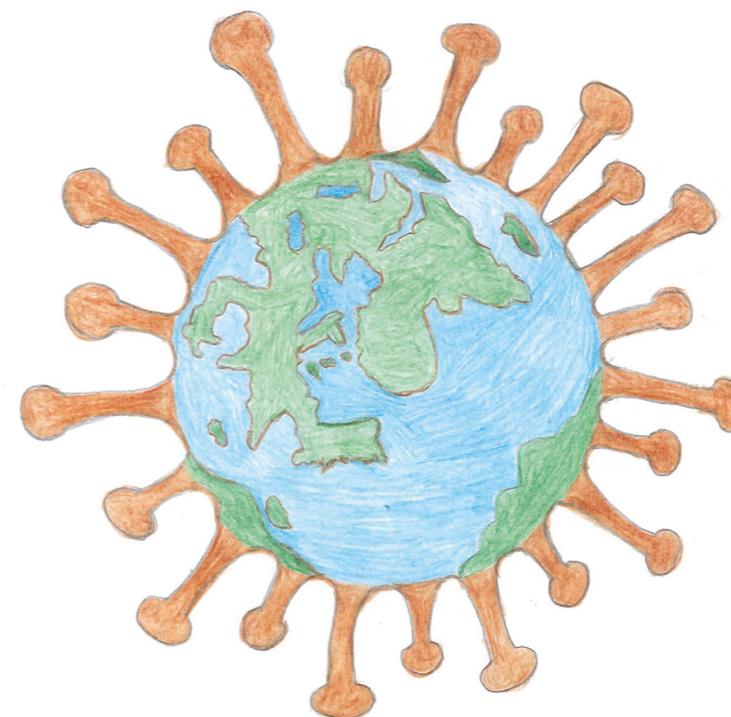
Quando o coronavírus acabar quero fazer uma festa com muitas pessoas!



SIMÃO RAPAZ 7 ANOS

“

**Vai-te embora de vez, nunca mais voltas,
nada é igual contigo aqui, és feio e mau,
deixa-nos em paz, senão dou cabo de ti...
Juntos venceremos e tu não vais voltar...**



RITA FILIPA ALEIXO 10 ANOS

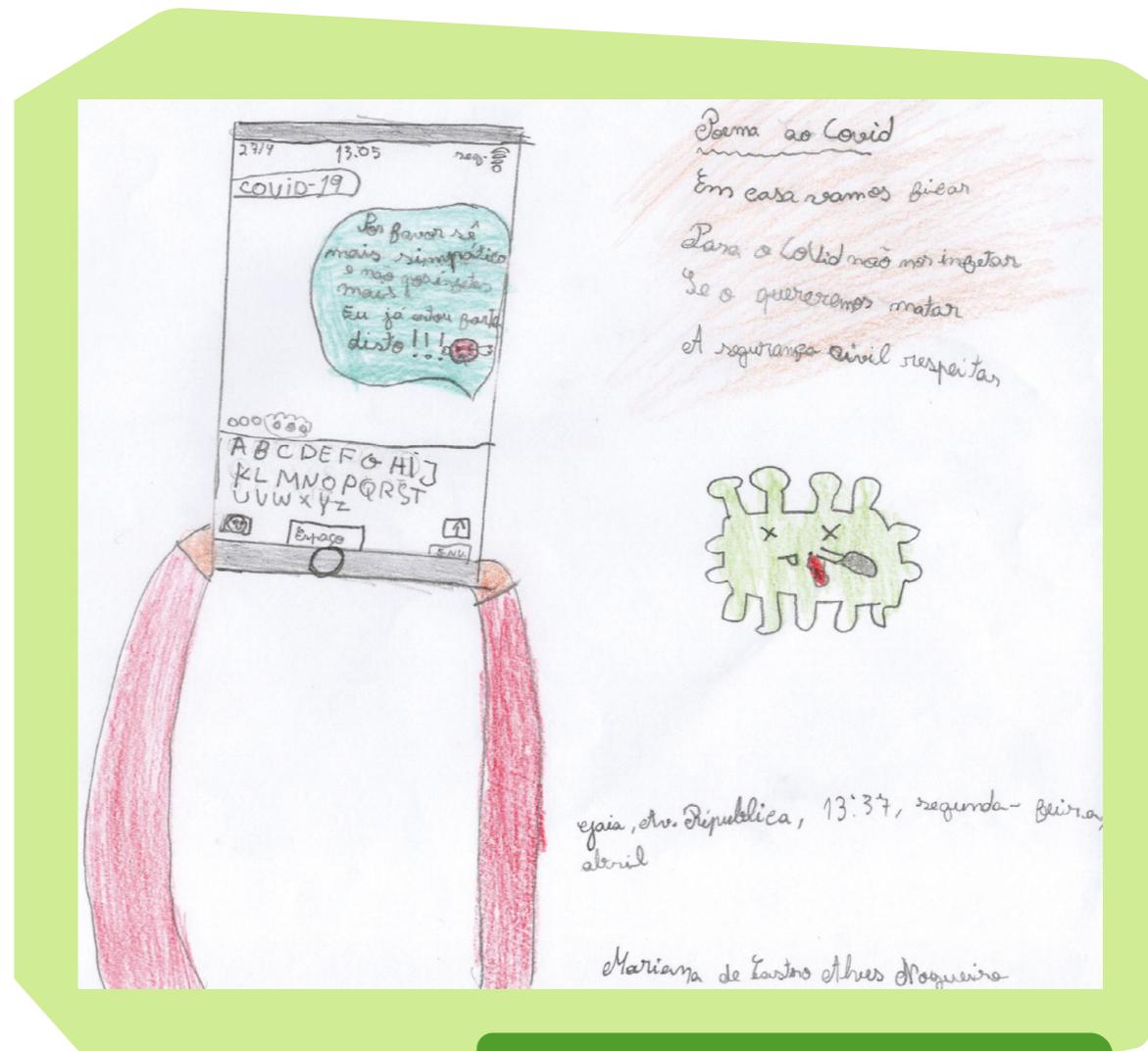
“ Tenho saudades de ir ao parque brincar com os meus amigos e de comer um gelado no restaurante do parque.



NUNO SOARES 5 ANOS



Desenhei o meu telemóvel com uma mensagem para o Covid. Espero que ele a leia!



MARIANA NOGUEIRA 9 ANOS

66

O que tenho gostado mais na quarentena é de passar mais tempo com a minha família. O que tenho feito em casa é brincar com o LEGO; com a Barbie e o Ken, fazer desenhos e pinturas e brincar com o meu gato. Gosto de ver as aulas do #Estudaremca e faço os trabalhos na secretária no meu quarto. Enquanto estou em casa, os coronavírus estão a voar lá fora, e consigo imaginá-los através da minha janela.



EMMA VAN DER HEIJDEN 8 ANOS

“

Quando o vírus acabar vou abraçar
com tanta força os meus avós.



RODRIGO OLIVEIRA 7 ANOS

“

Tenho muitas saudades da avó Maria José, porque não vejo há muito tempo.



CELINA OLIVEIRA 5 ANOS

66

Não gosto deste vírus, mas gosto muito de estar em casa.



INÊS MARTINS 3 ANOS

“

Eu desenhei o coronavírus. Ele é mau porque transmite doenças para cada um de nós. Quando houver uma vacina, vou tomar logo! Os médicos, enfermeiros, bombeiros e cientistas são muito importantes e cuidam de nós. Os cientistas estão a tentar descobrir uma vacina. Gosto de estar em casa. O que eu gosto mais de fazer em casa é jogar à bola e jogar Nintendo Switch.



DINIS PACHECO 6 ANOS



Por causa do Coronavírus estamos todos em casa sem nada para fazer e aborrecidos. Se eu pudesse fazer qualquer coisa ao mundo seria dar vida, cor, alegria e amor, como se fosse tudo por MAGIA!



STELLA RODRIGUES 7 ANOS

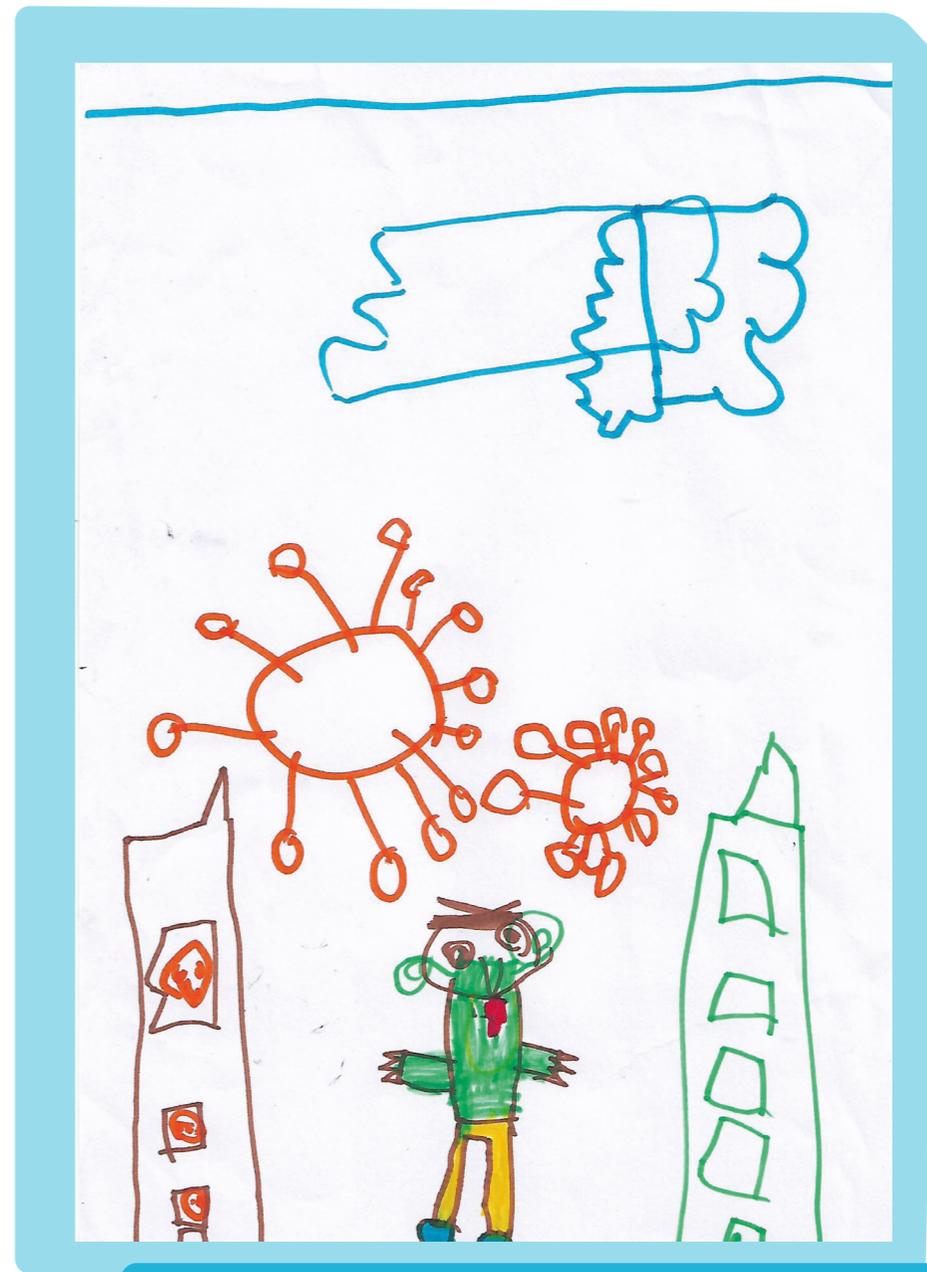
“ Quero que o coronavírus acabe para poder voltar tudo ao normal, para podermos brincar todos juntos. **”**



AFONSO DUARTE PEREIRA 5 ANOS

“

**As pessoas em casa. Mas que o pai teve que sair.
E foi com máscara pois o Covid estava lá fora.**



HENRIQUE SANTOS FERNANDES 5 ANOS

“ O meu desejo é que isto acabe. ”



RITA MONTEIRO 8 ANOS

“ Se eu fosse o mágico, com a minha varinha, fazia o vírus desaparecer.”



GONÇALO MONTEIRO 9 ANOS

“

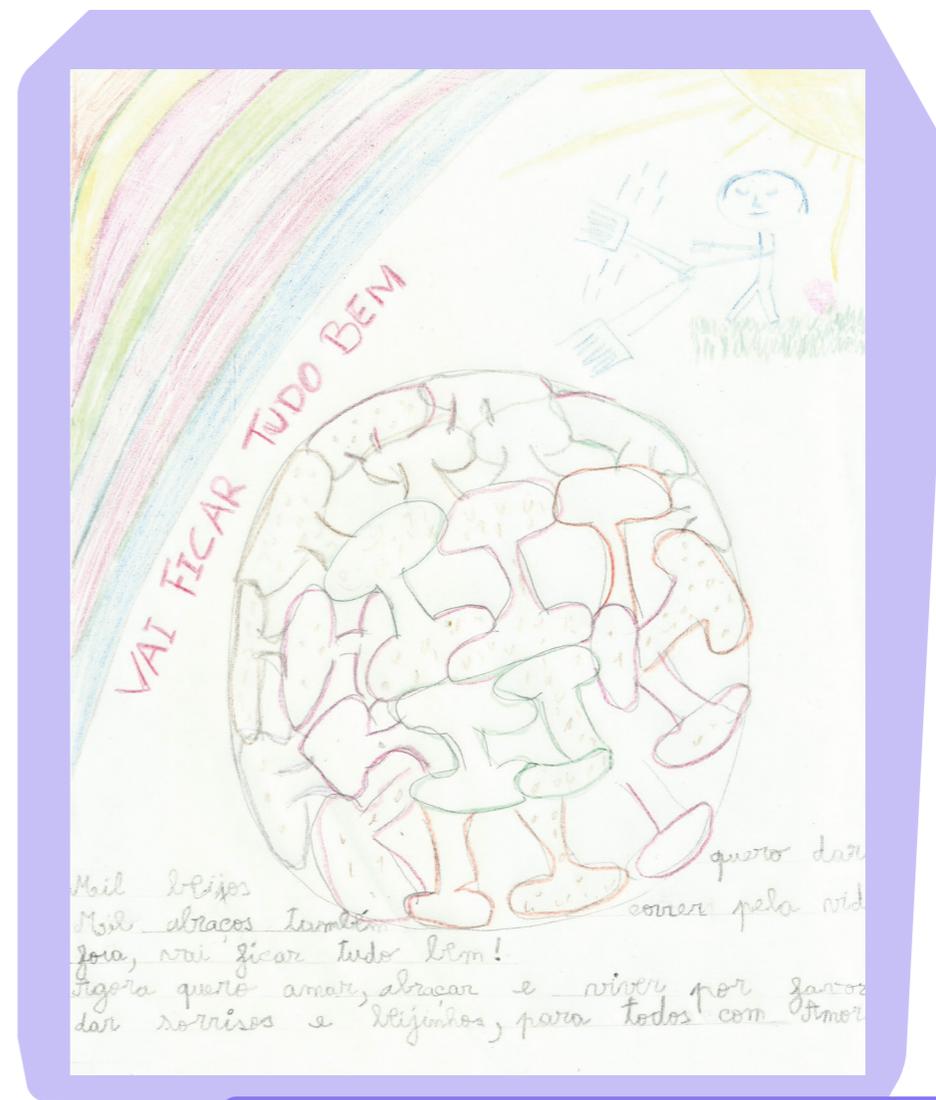
É a nossa casa. Aqui está o pai (porta), aqui a mãe (janela), aqui um fantasma. Aqui sou eu e o Bernardo (no telhado); estamos a ajudar os médicos por causa do coronavírus. Estes vermelhos são só coronavírus, o pai a mãe e os filhos coronavírus. Temos as máscaras para o coronavírus não entrar na nossa casa, no colégio, nas janelas e no nosso corpo. Aqui (cor-de-rosa) é um saco para ajudar as pessoas.



JOANA SILVA PEREIRA 3 ANOS

“

Quero dar mil beijos e mil abraços também. Correr pela vida fora, vai ficar tudo bem! Agora quero amar, abraçar e viver por favor! Dar sorrisos e beijinhos, para todos com amor.



MOISÉS GUIMARÃES SILVA 7 ANOS

“

É uma cidade que tem as suas casas e as pessoas a começarem a perder a alegria, as suas cores por causa do vírus. As cores representam as emoções e as coisas que já não temos, ou podemos aproveitar:
vermelho - coração
amarelo - paz
verde - natureza
azul - viajar e passear
laranja - a diversão
rosa – amor



FRANCISCA RAMOS DE MATOS 9 ANOS



Uma menina, a Mimi que está a andar num jardim e estava a apanhar uma flor das pedras e ficou com as mão sujas e o pai disse-lhe para ela não colocar as mãos na boca e disse:

- sabes porque não podes colocar as mãos na boca?**
- não.**
- porque ficas muito doente com o “coronavírus” que pode estar por todo o lado mas não o vemos.**



MARGARIDA RAMOS DE MATOS 5 ANOS

66

Estou confusa! Estou a gostar de estar em casa, mas ao mesmo tempo não estou a gostar.



MAFALDA TAVARES

8 ANOS



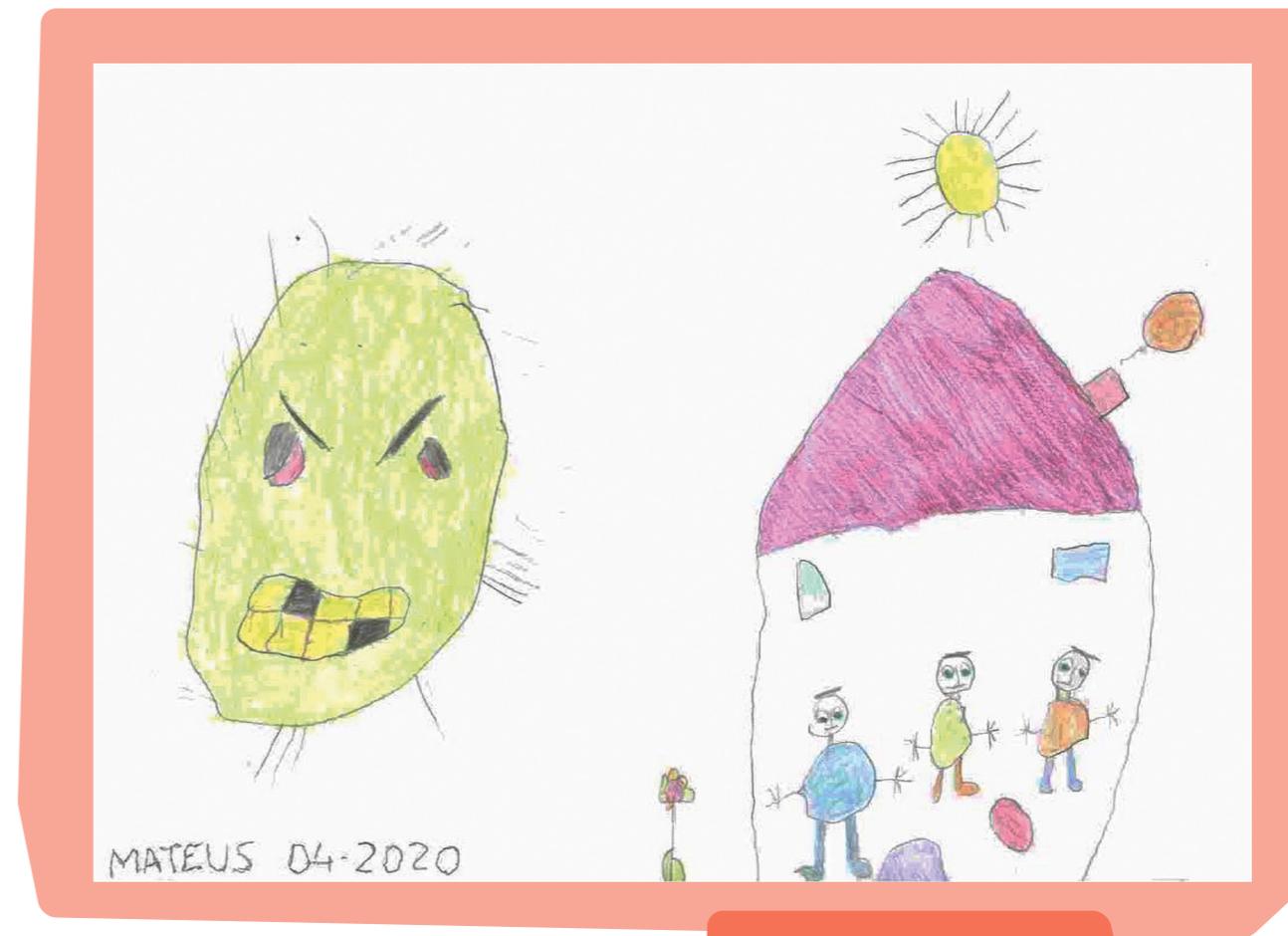
Estamos fechados em casa porque estamos de quarentena. Por causa dos micróbios, o coronavírus, as pessoas ficam doentes.



DIANA MOTA RODRIGUES 4 ANOS

“

Eu desenhei do lado esquerdo o coronavírus, grande como o mal que ele fez... Do lado direito desenhei a minha casa, eu, o meu primo Daniel e o meu primo Tiago que estão a viver comigo durante esta fase. Enquanto nós brincamos e trabalhamos, o sol lá fora brilha, as flores crescem e o ar festeja...



MATEUS 4 ANOS

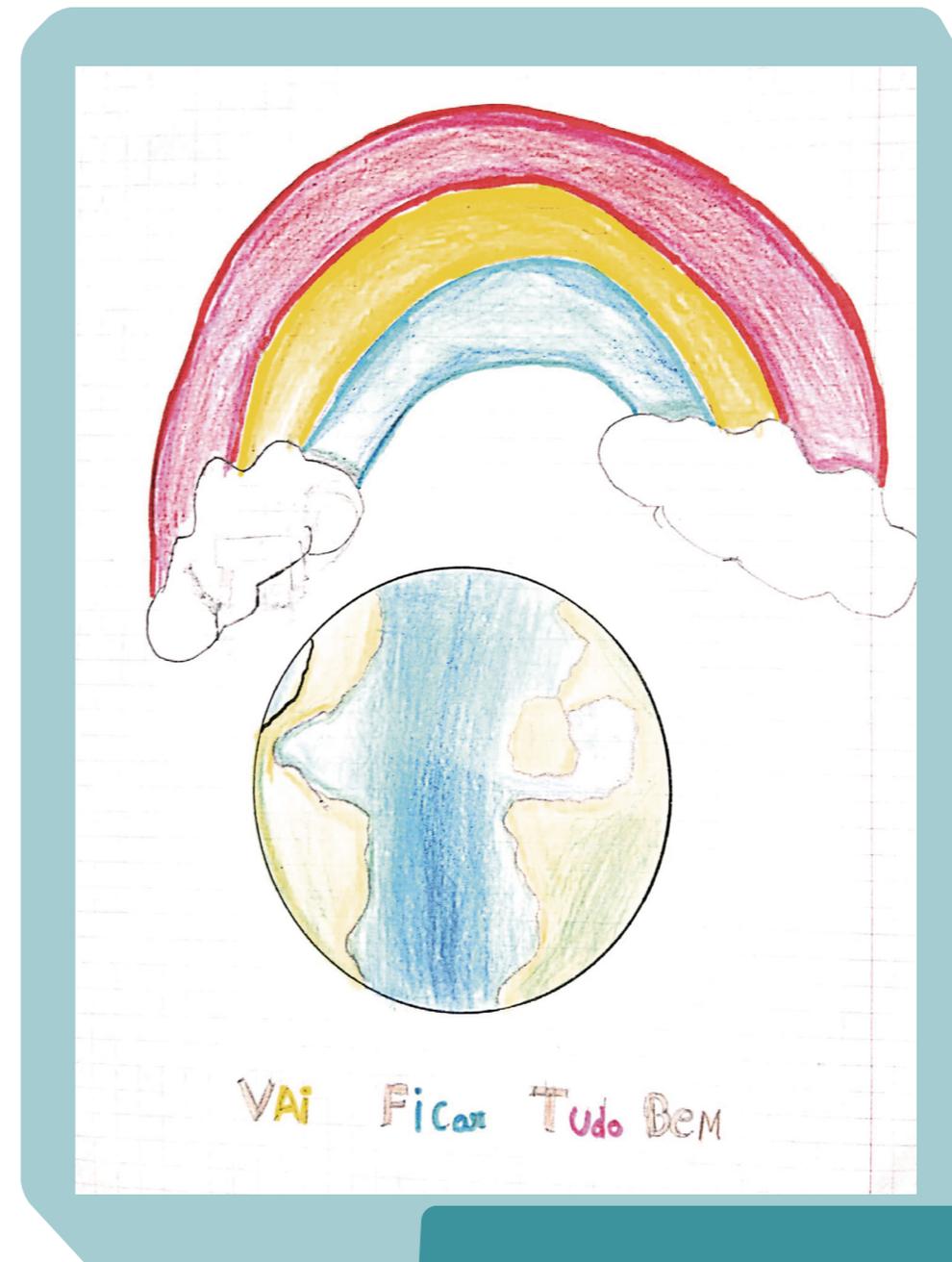


Durante este período houve uma grande mudança nas nossas vidas.

Agora algumas coisas começam a mudar, devagar vão começando a voltar ao que eram antes.

Desejo que tudo volte a ser como dantes.

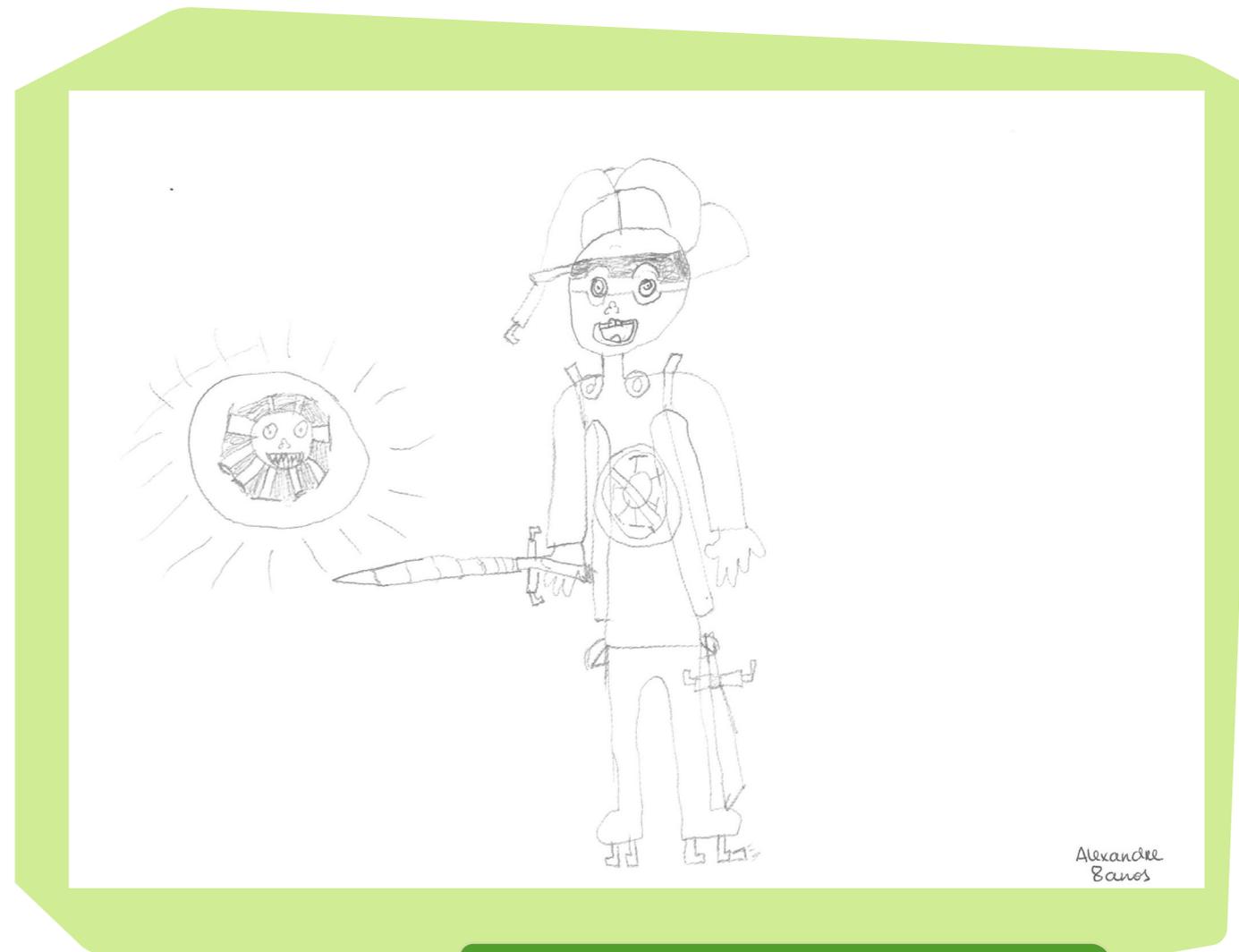
Acredito e desejo, que quando isto acabar, Vai Ficar Tudo Bem.



VERA NASCIMENTO 10 ANOS

“

Um super-herói que combate a Covid19. Chama-se CaçaCovid19, tipo como caça-fantasmas mas muito mais diferente! Caça é a doença.



ALEXANDRE JOÃO GOMES 8 ANOS

“

Quando este Covid acabar vou correr para lá para fora. E vai ser assim bonito.



LUNA JOÃO GOMES 9 ANOS

“

Em baixo temos os vírus no chão e a menina apanhou o vírus e tinha cada vez mais e maiores. Temos os vírus atacados (no chão) e os que estão vivos no ar e um grande e “super máximo” e temos de atacar as pernas dos vírus. Oh não, estão a atacar o coração, não sabemos como proteger o coração!



MIRIAM FILIPA SILVA 5 ANOS

“

Eu fiz aquele desenho porque é muito giro, devagarinho e com calma para não ficar mal. Eu tenho muito amor naquele coração e para o coronavírus ficar feliz. E a família ficou longe para não apanhar o coronavírus. E como ele é malvado eu quero que ele fique feliz.



SIMÃO MENDONÇA FRAGA 4 ANOS

66

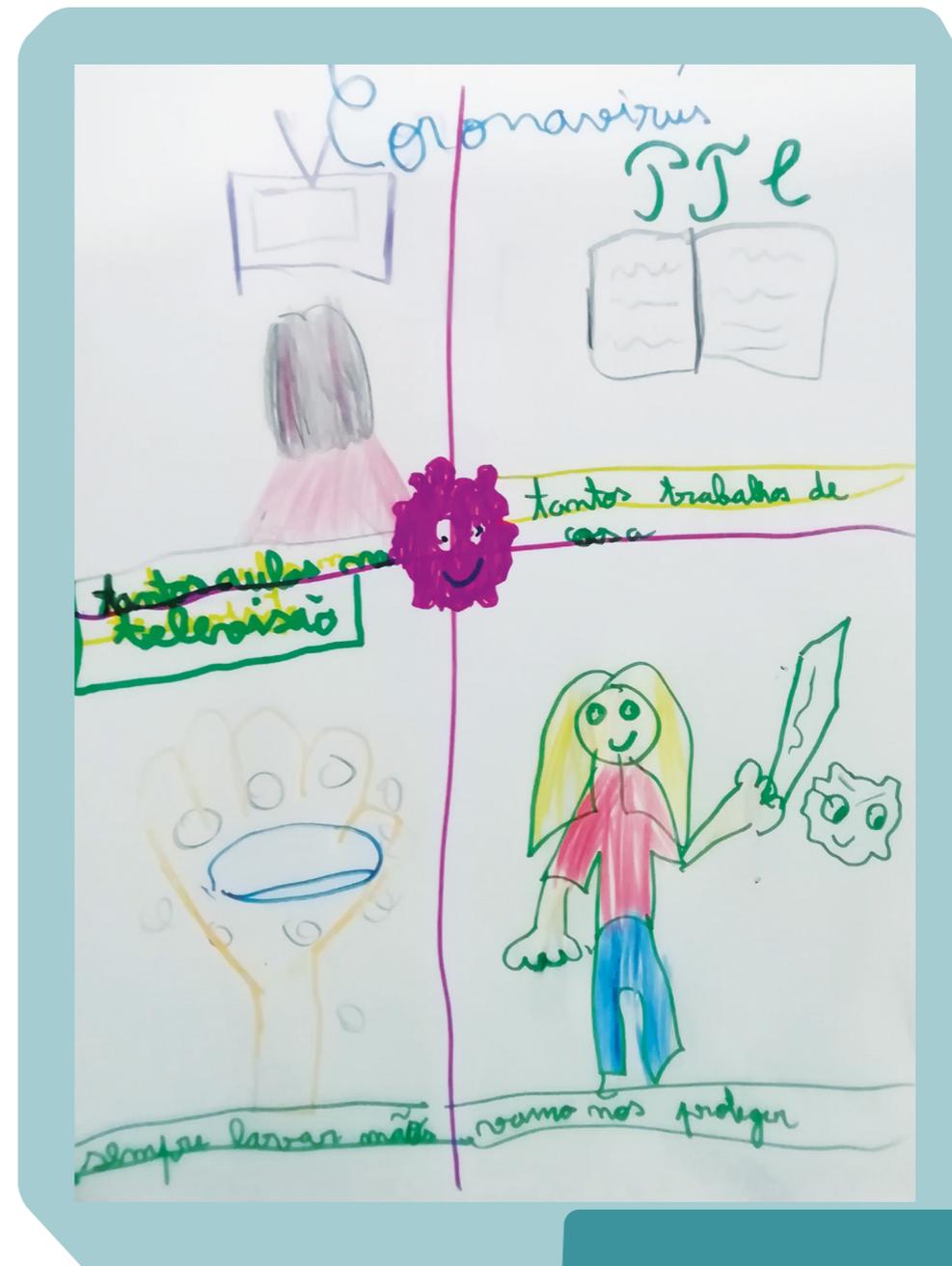
**É um vírus muito pequenino que não se vê mas faz mal à nossa saúde..
Faça chuva ou faça sol temos todos que ficar em casa pois o coronavírus está lá fora e anda por todo o lado..**



MARIANA FERNANDES 5 ANOS

“

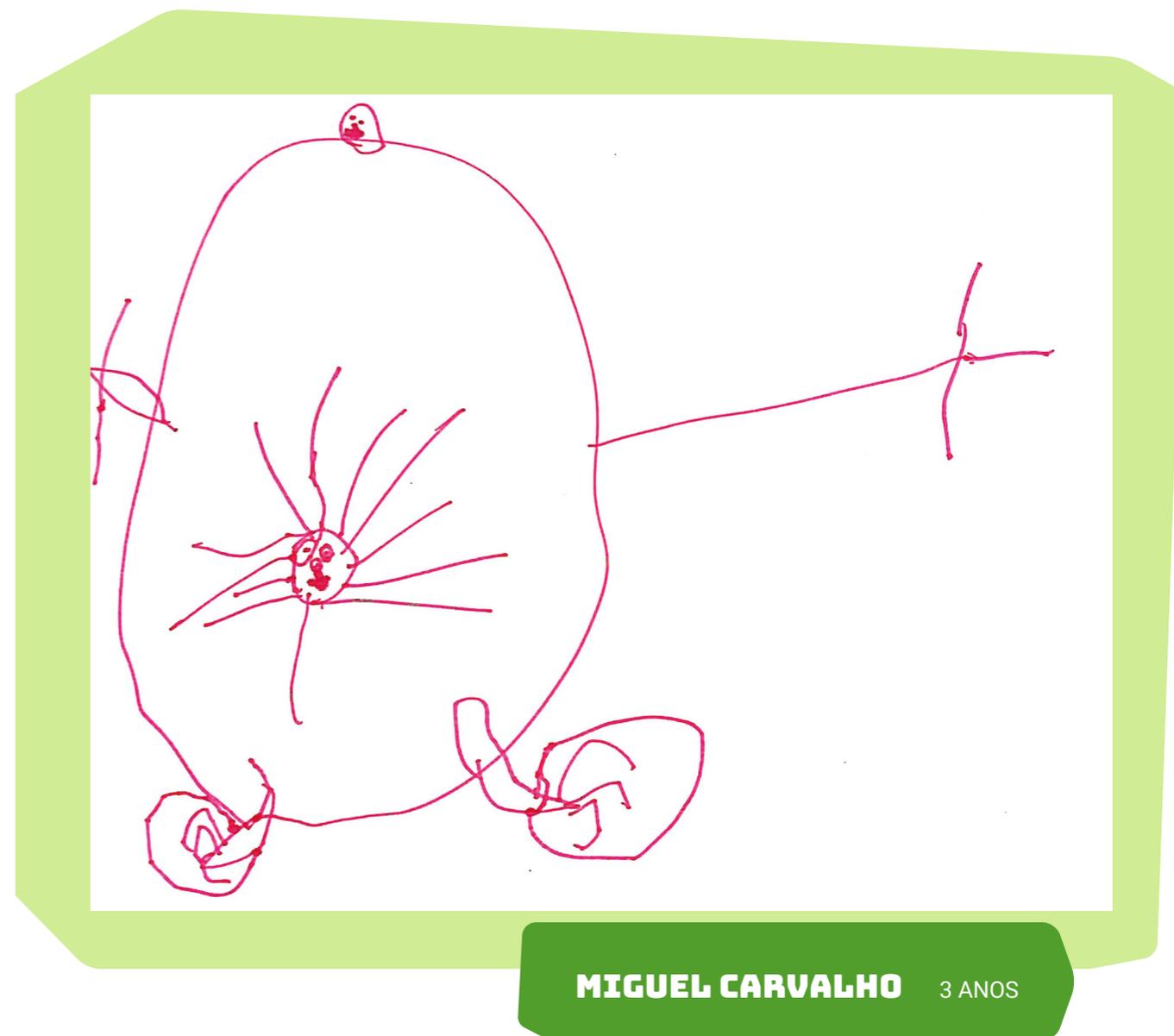
**Eu em casa sinto-me numa prisão divertida.
Não se pode sair de casa.
Eu tenho saudades dos meus amigos.**



DIANA NETO 9 ANOS

“

É um menino com o
coronavírus dentro da barriga.



MIGUEL CARVALHO 3 ANOS



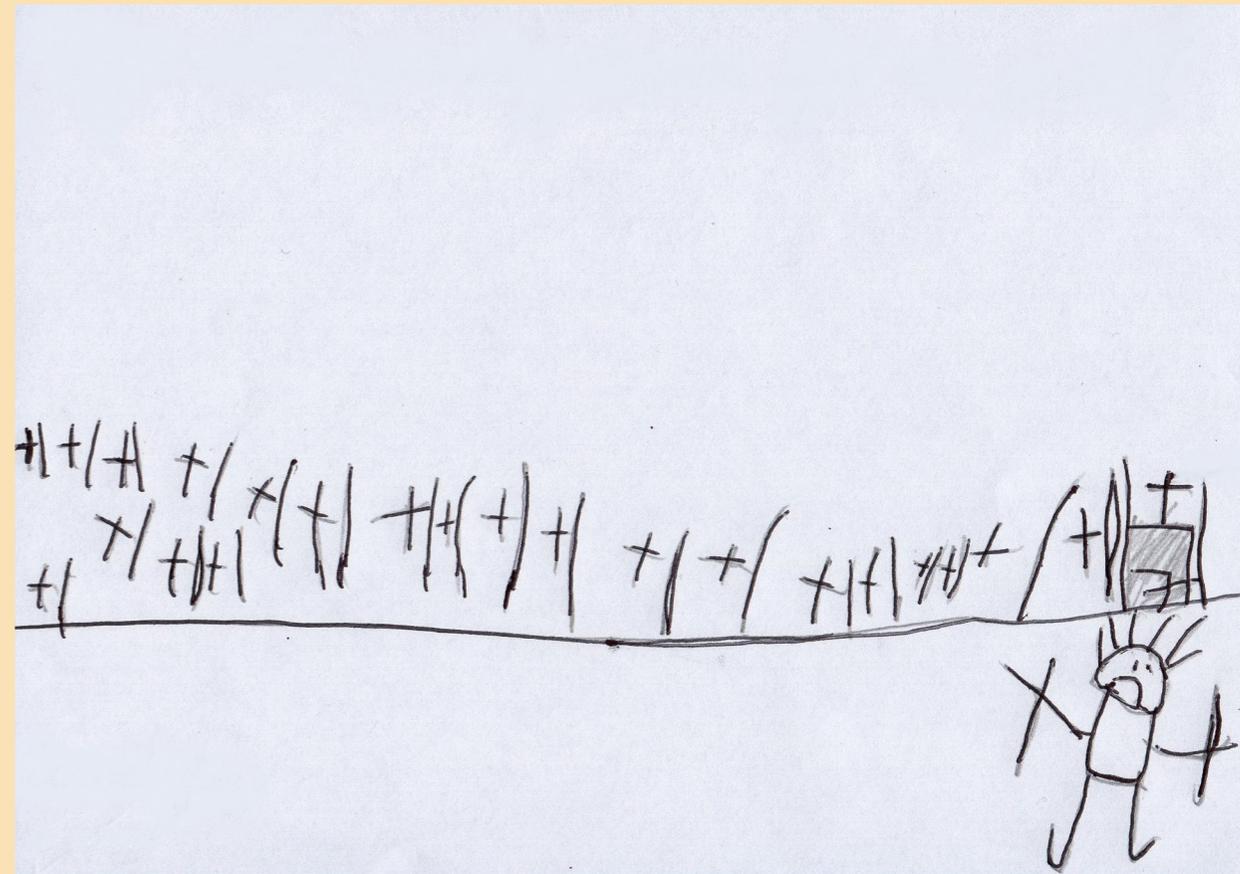
As pessoas estão a ser atacadas pelo coronavírus e o vírus vai ganhando a cor das pessoas.



GONÇALO LENCASTRE

5 ANOS

66 O que mais me impressionou foi a morte!



FERNANDO JORGE GONÇALVES 6 ANOS

66

Só tenho saudades de respirar lá fora e passear contigo.



SOFIA GONÇALVES NETO 5 ANOS

“

O coronavirus é mau e temos que ficar em casa longe de todos até ir embora, pois o coronavirus está a fazer muito mal às pessoas por isso só estamos seguros em casa.



GLÓRIA RODRIGUES DE MOURA 4 ANOS

“ O planeta está doente por causa do vírus.



TOMÁS CARVALHO DA SILVA 5 ANOS

“

Estou com muitas saudades da escola, estou muito cansada de fazer as atividades sempre em casa. Já trabalhei muito em casa e já fiz muitas coisas com os pais, mas agora quero voltar a fazer tudo na escola com os meus amigos.



VITÓRIA FIGUEIRINHAS COSTA 6 ANOS



Queria que o Coronavírus ficasse preso para voltar a brincar no parque.



SOFIA BOLINA VELHO

6 ANOS

“ Os médicos, bombeiros, polícias... são muito importantes porque cuidam de nós.



ANA GONÇALVES DE SOUSA 7 ANOS

“

Gostava de dizer ao coronavírus para ir embora porque estou muito triste por ter que estar em casa a estudar.



INÊS GONÇALVES DE SOUSA 4 ANOS

“

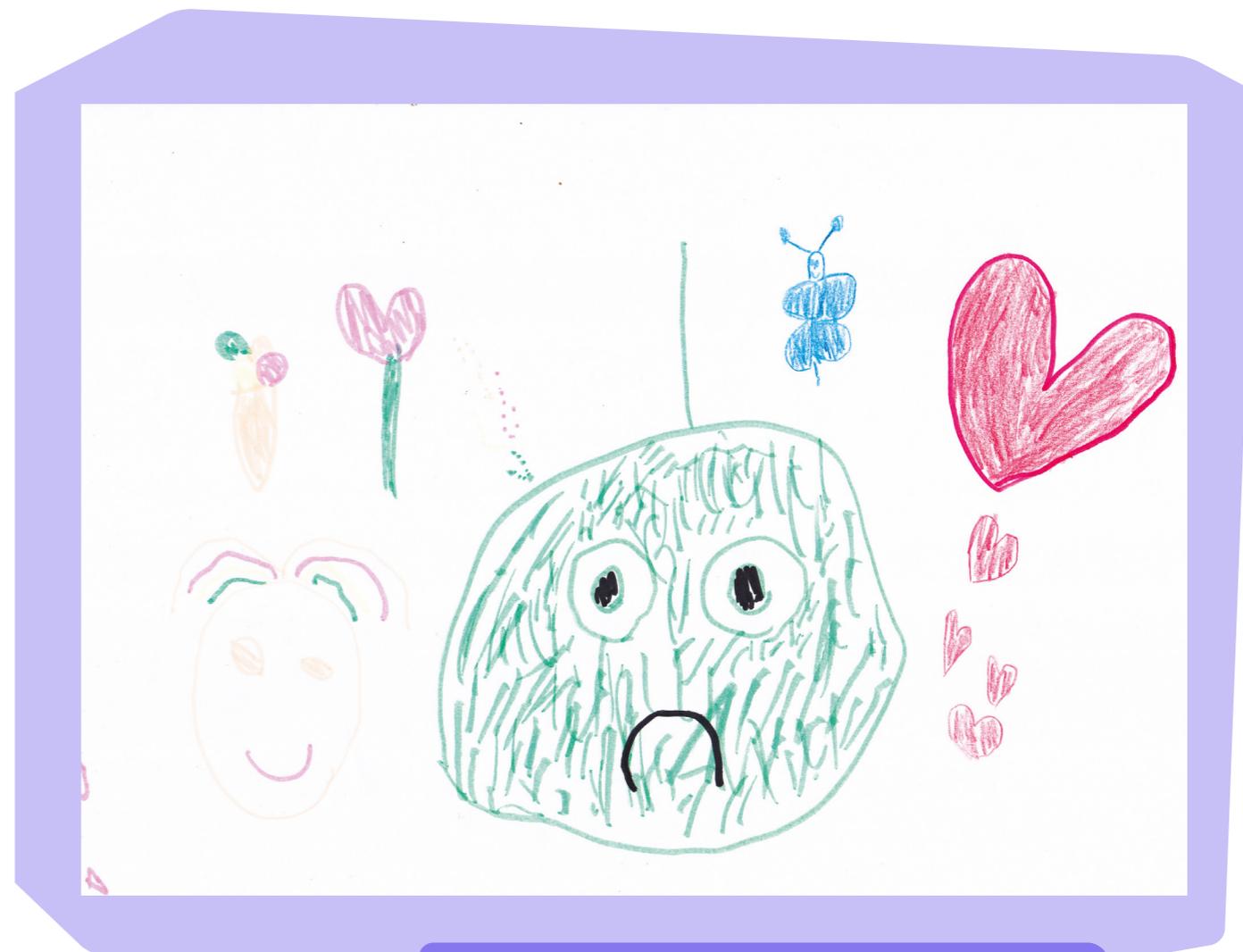
**O Coronavírus é um bicho pequenino e mau!
Se visse o Coronavírus dava-lhe uma ‘pica’
para ele ficar bem e se ele ficasse bem, já
podíamos sair de casa e ir para a escola.**



CLARA LEITE 4 ANOS

“

O coronavírus está a sentir se mal porque a criança está a fazer magia com a sua varinha de coração e diz: “para de chatear as pessoas”, os corações “são para dar amor às crianças que podem estar tristes” e a borboleta “é porque gosto dela”. Quando acabar o coronavírus “quero comer um gelado” .



ANTÔNIO ESTRELA GUEDES

5 ANOS

66

Vai-te embora Coronavírus!
Com este anel mágico vou-te dar uma lição porque tenho saudades de ir à praia, de ir nadar no mar, brincar na areia com as pistolas de água e comer um gelado ao sol. Adeus!



LAURA DE OLIVEIRA CAEIRO 7 ANOS

66

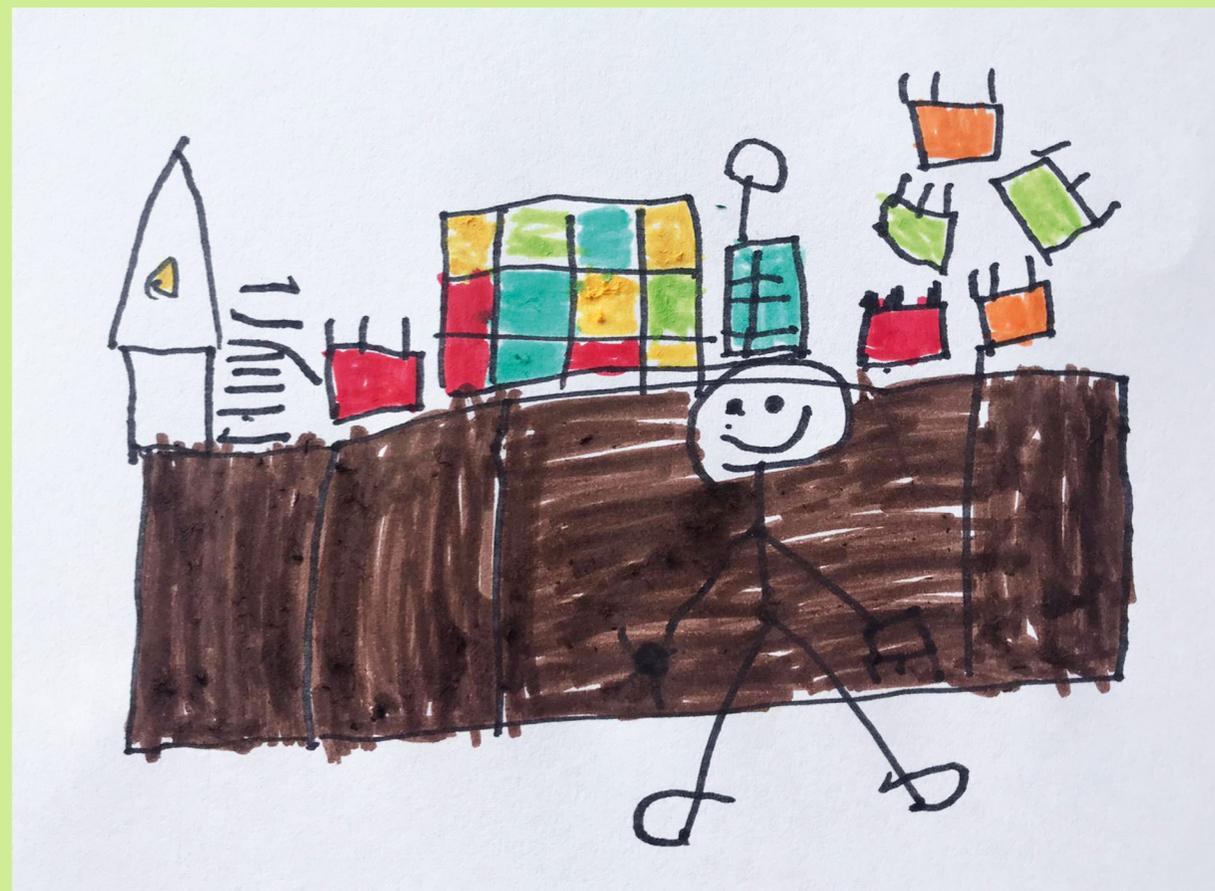
O desenho é uma menina com capa vermelha a atirar um raio para o coronavírus desaparecer e depois aparece o sol.



SARA DE OLIVEIRA CAEIRO 5 ANOS



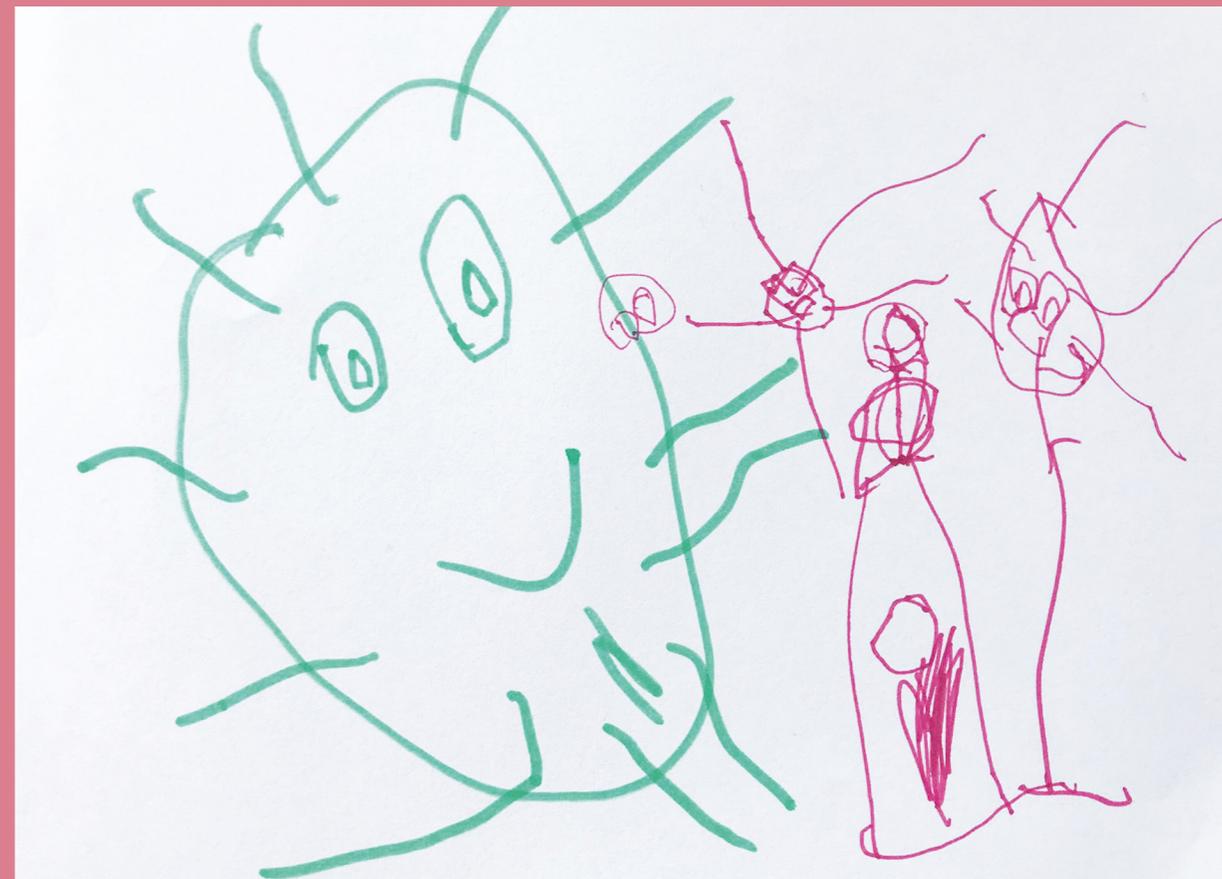
**Estes dias são bons para conseguir
fazer as minhas construções de Legos.**



MARTINHO NIETO 5 ANOS

66

O Coronavidros é um bocado mau e anda com a sua família sempre pela rua, mas nós estamos em casa e ele não nos vai encontrar e por isso vai embora.



MERCÊS NIETO 3 ANOS

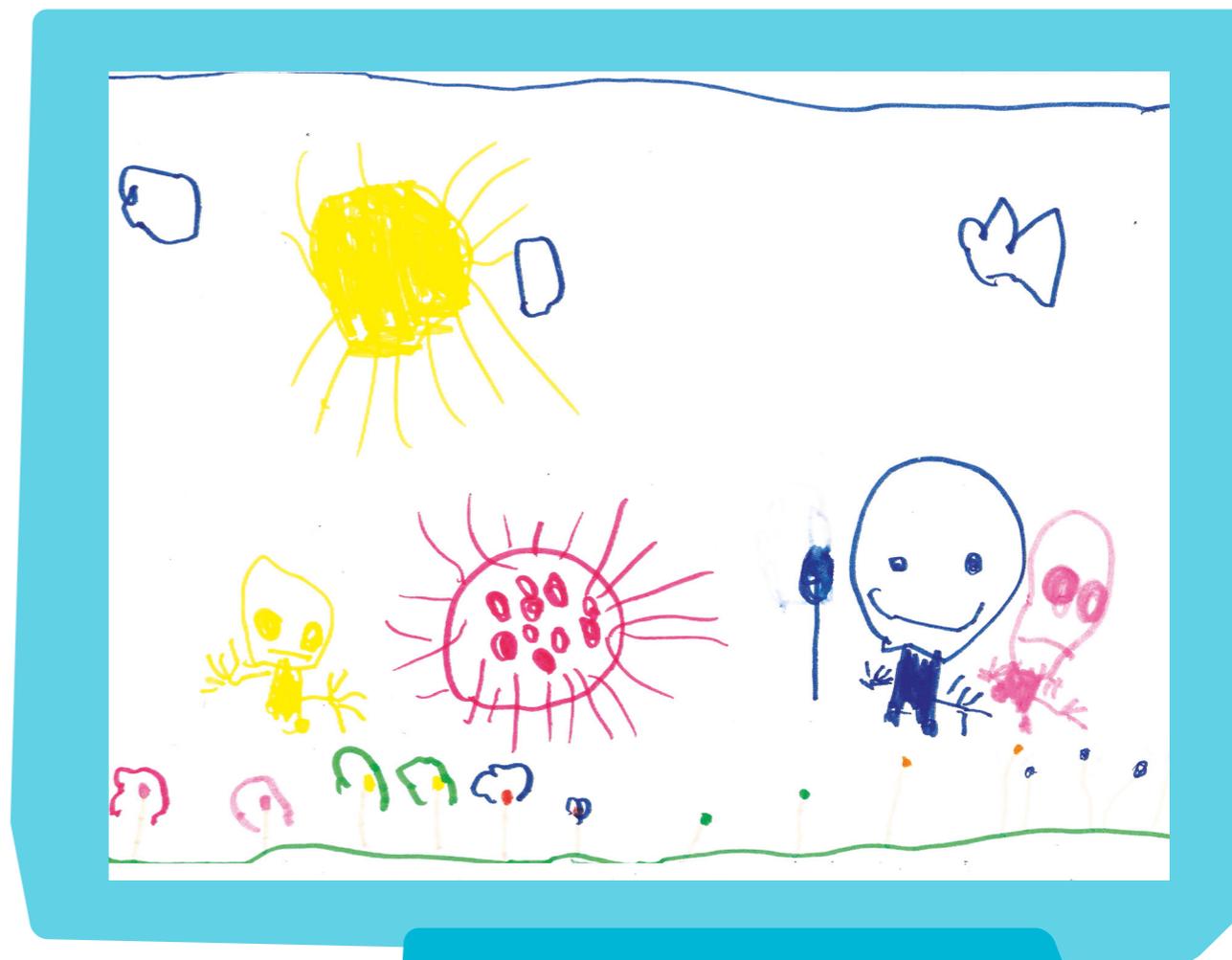
**“ Fico muito triste com este vírus.
Ele tem que se ir embora para sermos felizes.**



JOÃO MARIA SANTOS 5 ANOS

“

**Eu não tenho medo do coronavírus.
Vi-o com uns binóculos na minha escola, fui falar
com ele e disse-lhe: vai-te embora que aqui os
meninos querem brincar. E ele foi.
Não me importo de não ir à escola porque gosto mais
de ficar com a mamã em casa a brincar todos os dias.
Mas eu não gosto deste vírus. Agora o papá vive
no INEM para salvar os senhores e eu tenho muitas
saudades dele. Quando o vírus passar quero ir à praia
fazer castelos de areia com o meu pai.**

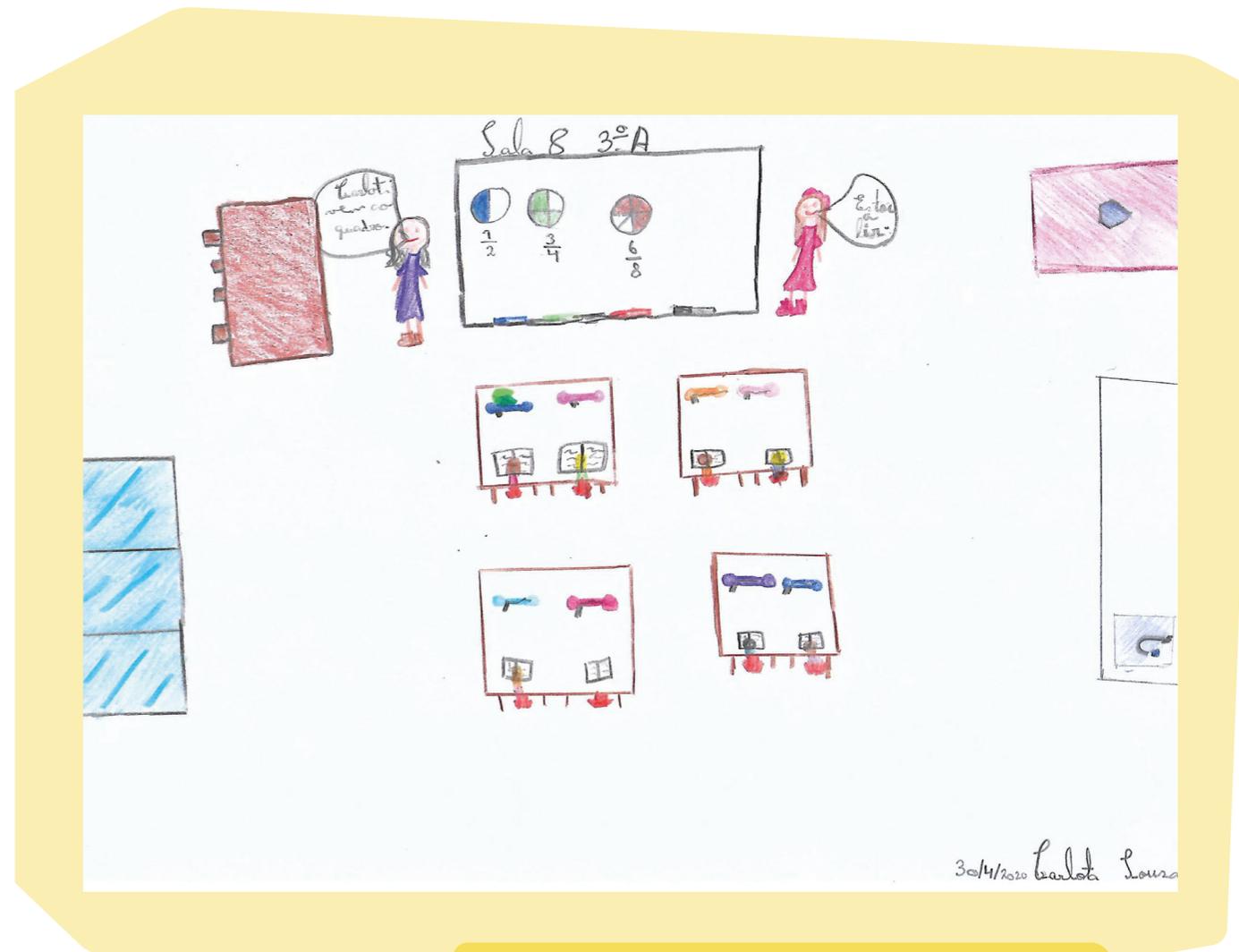


MARIA MIGUEL GOMES 4 ANOS



Neste período de “estado de emergência”, eu sinto falta de ver os colegas e a professora na sala de aula.

Agora sim, dou mais valor a estar com toda a gente. Mas ao vivo, não através do computador. Faz-me feliz estar com quem adoro, os amigos, a professora e a família.



CARLOTA DE SOUSA HEYM 8 ANOS

“

Se eu fosse mágico fazia o Coronavírus desaparecer e não chatear mais as pessoas de todo o mundo. Bléeaak!



JOÃO MIGUEL SOUSA 5 ANOS

“

O que eu tenho saudades é de brincar com os meus amigos e familiares!



SOFIA RIBEIRO PINTO 8 ANOS

“

O que tenho mais saudades é de ir para a escola. Tenho saudades de brincar com os meus amigos, de estar com a Mariana, a Rute e de aprender coisas novas. Eu sei que já falta “pouquinho” para isso voltar a acontecer, então estou muito feliz, sempre protegida a ajudar a proteger os outros. Vamos todos ficar bem e juntos conseguir dizer adeus ao vírus.



ANA RITA COSTA 4 ANOS

66

**Tenho muitas saudades do mar!
Um dia, quero ser mergulhadora!**



TERESA FERREIRA LAPA 5 ANOS

“ Não posso sair à rua! És muito mau...”



SALVADOR MIRANDA 5 ANOS



Decidi fazer um desenho da escola com os meus amigos a brincar no recreio porque é o que eu mais saudades tenho e quero muito voltar a fazer quando o vírus acabar.



LUANA SOFIA CARVALHO 5 ANOS

“

Os meninos têm de estar em casa para se protegerem do coronavírus. Estão à janela a ver a paisagem. A borboleta é uma sortuda, pode voar em liberdade.



FRANCISCO RIBEIRO 6 ANOS

“ Vamos todos ficar bem, mas sempre que saís para trabalhar tenho medo que fiques infetada.



BEATRIZ RIBEIRO MOREIRA 9 ANOS

“ O reencontro dos amigos depois da quarentena.



LEONOR SOUSA 10 ANOS

66

O Coronavírus é mau porque só deixa as pessoas doentes e não posso ir para casa das outras pessoas nem para a escola, que adoro muito.



BIA MOREIRA DE SOUSA 5 ANOS

AS CRIANÇAS ENFRENTAM O BICHO MAU COMENTÁRIO A UMA OBRA PANDÊMICA

1. Todas as epifanias começam pelas crianças. E pelos poetas.

“Se há na terra um reino que nos seja familiar e ao mesmo tempo estranho, fechado nos seus limites e simultaneamente sem fronteiras, esse reino é o da infância. A esse país inocente, donde se é expulso sempre demasiado cedo, apenas se regressa em momentos privilegiados – a tais regressos se chama, às vezes, poesia.” (Eugénio de Andrade in Em Louvor das Crianças).

Nesta área, e hoje em dia, ultrapassada a era das trevas, enfrenta-se a criança – e nunca mais, o menor - como sujeito de direitos.

É por esta criança que os meus sinos hoje dobram.

Como tão bem escreveu uma minha amiga, médica de profissão, e amante das palavras, Helena Oliveira, «nesta fase de tão estranhos tempos e mudança de costumes, em que tanto nos temos esforçado por “emparedar” as famílias, não há dia em que não me pergunte onde estão agora os anjos (escola, saúde, outras instituições de proximidade, CPCJ, tribunais...) que com os seus vários olhares iam garantindo que as “nossas” crianças em risco e em perigo não corriam reais perigos».

E, como ela, sinto-me tão impotente contra esta ameaça «possivelmente em muitos casos bem mais letal que o matreiro corona» que tanto alarido está a causar por esse planeta fora.

2. Esta exemplar e carismática obra, organizada pela Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, fala da pandemia e das crianças que a viveram e continuam a viver.

Em discurso directo, em imagens, desenhos e textos.

Porque a criança, toda a criança, tem voz e merece ser ouvida, mesmo em contextos de crise.

A criança, que tal como o Duarte de 4 anos, se dirige directamente ao vírus:

«Se encontrasse o coronavírus, ralhava muito com ele mas no final dava-lhe um beijinho para ele aprender a ser bom».

Dizem de suas almas, desabafam como vítimas, umas vezes mais directas, outras mais colaterais, deste flagelo de saúde pública que invadiu as nossas vidas, sem apelo nem agravo e sem aviso prévio.

Porque têm voz.

Está assente, no nosso subconsciente supranormativo, que, tendencialmente, toda a criança deve ser ouvida nos processos em que se discutem questões relacionadas com a sua existência.

Tal princípio da audição da criança traduz-se, como exemplarmente nos ensina Rui Alves Pereira:

1. na concretização do direito à palavra e à expressão da sua vontade;
2. no direito à participação activa nos processos que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração;
3. numa cultura da Criança enquanto sujeito de direitos.

A REGRA é, pois, ouvir a criança, se for considerado conveniente tal audição.

A não audição da criança apenas se justificará em três situações, devendo sempre ser sempre motivada e fundamentada:

- 1ª. se ela livremente manifestar interesse em não ser ouvida;
- 2ª. se for considerado inconveniente ouvir a criança face ao assunto em discussão;
- 3ª. se for reconhecido que ela não dispõe de capacidade de discernimento ou de maturidade para o efeito.

Neste caso da pandemia, esta ESE ouviu as crianças num assunto que lhe diz respeito.

Mas temo que, afinal, esta noite, não possam os deuses, os anjos, conseguir continuar a passar os olhos pelos telhados de todas as crianças em perigo.

Mas sei que o sistema de promoção e protecção, o que foi sonhado por Armando Leandro, não está a dormir - as entidades de 1ª linha, as CPCJ e os tribunais.

Devemos, assim, estar todos atentos e não hesitemos no exercício efectivo da obrigação legal e civilizacional – fruto de uma cidadania activa – de denunciar alguma situação na qual, mesmo com base em mero fumo, se indicie haver violação dos direitos de qualquer Criança.

Tememos todos que as situações de negligência infantil e de violência doméstica cresçam agora. E que tenham crescido exponencialmente durante estes dois meses de confinamento.

Ouviremos os sinais de alerta das crianças e das vítimas?

Temos, de facto, o nível de tolerância ZERO relativamente a tudo o que de ilícito e abusivo se passa na casa dos outros?

Haja, contudo, mais meios para vigiarmos os sons das crianças.

E podermos voltar para casa descansados.

E, já agora, reinventemo-nos na forma como haveremos de sair desta pandemia que pode estar aí para ficar.

O direito à educação pode estar comprometido para muitas crianças que não têm os mesmos meios económicos para a ela aceder.

O ensino à distância é falacioso e classista.

Têm todas as crianças computadores para seguir as aulas? Está o nosso Estado de Direito Social atento a tudo isto?

É a hora de arregaçar as mangas e experimentarmos novos caminhos, mais solidários, menos economicistas e mais restaurativos.

As feridas ficam abertas.

As sequelas psicológicas do «bicho mau» estão para durar.

E não pedem desculpa para se multiplicarem.

3. São tempos turvos estes, em que se querem as máscaras de pano por toda a face, em que se afogam todos os tactos em soluções de álcool, em que descansam os apertos das mãos que já não se dão.

São estes tempos que nos desafiam à transcendência, ao bom senso e à criatividade.

As crianças deste país agradecem e reclamam essa atenção, mesmo que não votem.

Ali, tão perto de cada um de nós, o espectáculo nunca cessa, mesmo quando as máscaras se recusam a cair e os palhaços nunca se calam, mesmo que as crianças gritem de susto.

Sei que a cantiga do bandido ecoa pela noite dentro, mesmo que as fadas cintilem e nos deixem voar.

A mortalha dos desafortunados martiriza-nos, mesmo que os verões sejam mais invernos mal-amados.

Não temos por aí bolas de cristal, nem figurinos e lantejoulas, mas apenas momos e violinos atrapalhados, baleias azuis e rumores de pouca sorte.

Mas, acreditem, ainda se ouvem os tambores.

E o afago daquele «trabalhador da infância» que deixa a sua casa para ir cuidar dos filhos dos outros.

Ainda se ouve, por aqui, o choro do João e da Mariana.

Para nunca mais nos calar e porque, afinal, como Maria do Rosário Pedreira tão bem reza:

«Hoje os deuses ainda passam os olhos pelas suas casas todas as noites, antes de adormecerem».

Porque, como nos diz a Sofia, de 6 anos: «Eu quero voltar para a minha Escola».

– Paulo Guerra
(Juiz Desembargador)



PAULA **FRASSINETTI**
Escola Superior de Educação



OBSERVATÓRIO
PARA O FUTURO DA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA